

convergência

DEZ — 1985 — ANO XX — N.º 188



- **IDENTIDADE DA VIDA RELIGIOSA: REFLEXÃO TEOLÓGICA**
CRB — Regional de Porto Alegre — página 586
- **O POBRE NA ESPIRITUALIDADE DA LIBERTAÇÃO**
Pe. Rogério Ignácio de Almeida Cunha, SDB — página 605
- **A ATUALIDADE DA ESPIRITUALIDADE VICENTINA**
Pe. Marcos Evangelista Gonçalves, CM — página 622

Diretor-Responsável:

Ir. Claudino Falquetto, FMS

Redator-Responsável:

Pe. Marcos de Lima (Reg. 12.679/78)

Equipe de Programação:

Pe. Ático Fassini, MS

Pe. Cleto Caliman, SDB

Ir. Delir Brunelli, PIDP

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Direção, Redação, Administração:

Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4.º andar
20031 RIO DE JANEIRO — RJ

Assinaturas para 1985:

Brasil, taxa única, terrestre ou aérea:

Até 30.04.1985..... Cr\$ 46.150

Exterior: marítima..... US\$ 28,00

aérea..... US\$ 38,00

Número avulso Cr\$ 4.615

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Composição (foto e linotipo), **revisão, paginação e impressão:** Esdeva Empresa Gráfica Ltda., Rua Halfeld, 1179 — 36100 Juiz de Fora, MG

Nossa Capa

Esboço que sugere uma antena parabólica de transmissão e recepção de sinais televisivos e telerradiofônicos, símbolo do extraordinário progresso no campo da informática, a transferência de informações codificadas. A antena parabólica é dispositivo essencial do sistema de comunicação, à distância, por ondas e microondas eletromagnéticas.

A realização de uma **Vida Religiosa**, pessoal e comunitária, conforme o Evangelho, precisa ser nossa real preocupação, de cada dia. Nesta tarefa, a **Conferência dos Religiosos do Brasil** (CRB) quer desempenhar a função e o papel da antena parabólica rastreadora, ou seja: (1) Ser, facilmente, sintonizada em frequências diferentes. Não obstante tão numerosas as Congregações, cada uma encontra, nas atividades da CRB, o estímulo que afina, apura e define o próprio carisma. (2) Reduzir as interferências e

certos estranhos, com firme adequação aos sinais complexos da atmosfera. Não sendo do mundo, a VR, todavia, se realiza no mundo. Busca, então, a CRB servir um alimento capaz de imunizar e criar anticorpos ao espírito do mundo. (3) Proporcionar emissão e recepção de sinais dotados de grande nitidez e resolução. Pelo que diz e pelo que faz, a CRB identifica a VR pelo que lhe é substancial, em termos teológicos, bíblicos e evangélicos.

A revista **Convergência** é o veículo de estrutura ajustada aos objetivos fundacionais da CRB na transmissão de informações claras e objetivas para os Religiosos que vivem e trabalham na Igreja no Brasil. Em **CONVERGÊNCIA**, Religioso, Você descobre os elementos que lhe garantem construir a resposta correspondente às suas necessidades de pensamento e de ação. Leia **Convergência**, Nada igual à sua leitura para o exercício conseqüente da esperança (Pe. Marcos de Lima, SDB).

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do D.P.F. sob o n.º 1.714-P.209/73.

SUMÁRIO

EDITORIAL 577

INFORME DA CRB 579

IDENTIDADE DA VIDA

RELIGIOSA:

REFLEXÃO TEOLÓGICA

CRB — Regional de Porto Alegre... 586

O POBRE

NA ESPIRITUALIDADE

DA LIBERTAÇÃO

Pe. Rogério I. de A. Cunha, SDB... 605

A ATUALIDADE

DA ESPIRITUALIDADE

VICENTINA

Pe. Marcos E. Gonçalves, CM 623

ÍNDICE ALFABÉTICO

POR AUTOR, ANO DE 1985 638

EDITORIAL

CONVERGÊNCIA chega a seu último número, em 1985, e você, caro leitor, pôde nos acompanhar na tentativa de percebermos, através da reflexão sobre tendências e eventos da Vida Religiosa e suas manifestações, quais os sinais de vida e de crescimento que brotam por toda a parte onde o Reino de Deus é vivido pelos Religiosos.

O fundamento da Vida Religiosa é a experiência de Deus na resposta carismático-fundacional aos apelos da história, e na encarnação no mundo para o qual o Religioso é enviado em missão.

Na própria vida o Religioso tenta refazer os passos de JESUS DE NAZARÉ que, através de sua linguagem humana e de forma totalmente única, manifesta a presença de Deus entre os homens.

Somos convidados a contemplar mais uma vez, o Mistério do NATAL, que mergulha na eternidade as raízes da encarnação e da missão da Vida Religiosa, e outra vez o próprio JESUS nos afirma, com seu exemplo, que sua presença no meio dos homens toma início pelo aniquilamento.

Quando professamos, na quadra do NATAL de JESUS, que "O VERBO SE FEZ CARNE", proclamamos com íntima satisfação, que Deus está totalmente presente na nossa história, e que Nele tudo adquire sentido novo.

CONVERGÊNCIA augura-lhe leitor amigo, um NATAL preñado da presença do EMMANUEL — DEUS CONOSCO —, que torna bom nosso coração, fraterna nossa convivência, corajoso nosso compromisso com a justiça e a fraternidade, verdadeira nossa Vida Religiosa.

E para 1986, com os tradicionais votos, **CONVERGÊNCIA** antecipa uma programação rica e ampla, convergente para o tema central da XIV.^a ASSEMBLÉIA GERAL da CRB, a se realizar de 21 a 26 de julho de 1986, em SÃO PAULO, SP, em torno da "DIMENSÃO PROFÉTICA DA VIDA RELIGIOSA NO BRASIL", ampliando e complementando de certa forma, o já conhecido e estudado texto de preparação à ASSEMBLÉIA: "OS PROFETAS BÍBLICOS INTERPELAM A VIDA RELIGIOSA", elaborado pela EQUIPE DE REFLEXÃO TEOLÓGICA da CRB Nacional.

A abordagem desse tema, sob os mais variados ângulos, vai nos aproximar da experiência de JESUS, o PROFETA DE NAZARÉ, e de sua missão de anúncio da BOA NOVA DA SALVAÇÃO na denúncia do pecado pessoal e das situações de injustiça geradoras de des-graça e morte em nosso Continente.

CONVERGÊNCIA de dezembro de 1985 leva a você, leitor amigo, em alegre esperança na VIDA que brota do CRISTO, as seguintes reflexões:

— "IDENTIDADE DA VIDA RELIGIOSA — REFLEXÃO TEOLÓGICA", texto elaborado por Ir. INÁCIO N. ETGES e Ir. PAULO DULLIUS, a partir das análises feitas pela EQUIPE DE REFLEXÃO TEOLÓGICA da CRB Regional de PORTO ALEGRE/RS. Esse texto foi publicado em 1984, pelo Boletim ANUNCIAR da mesma Regional de CRB. Trata-se de reflexão que remete ao ideário fundamental da Vida Religiosa. "A característica própria da Vida Religiosa reside no fato de que ela se constrói em torno de uma opção de fé naquilo que ela tem de mais próprio e central: o seguimento radical de Jesus Cristo". A partir dessa ótica, os autores apontam para as dimensões essenciais da Vida Religiosa, seus valores básicos e exigências de vida.

— "O POBRE NA ESPIRITUALIDADE DA LIBERTAÇÃO", de Pe. ROGÉRIO IGNÁCIO DE ALMEIDA CUNHA SDB. O autor parte de fato concreto que definiu o início de nova caminhada para uma comunidade religiosa que, no meio dos pobres, descobre nova dimensão de oração. "As Irmãs não experimentaram a Deus na oração; mas rezaram na experiência do Deus-que-caminha na vida do povo. Aprenderam uma nova oração, um novo ritmo de vida, um novo Deus, o Deus do pobre". "Aprenderam a participar... a criar um coração novo, um espírito deci-

dido, firme não por obra de horários e fórmulas, mas pela dura disciplina da comunhão e participação". Pe. ROGÉRIO analisa, a seguir, o sentido da referência fundamental que o pobre representa para a sociedade e para uma comunidade religiosa. Ali toma sentido a Vida Religiosa Inserida, "um carisma com que Deus autentica a luta cristã contra a injustiça econômica, social e política, imposta como justiça".

— "A ATUALIDADE DA ESPIRITUALIDADE VICENTINA", de Pe. MARCOS EVANGELISTA GONÇALVES CM. Pe. MARCOS, ao apresentar a espiritualidade de seu Fundador, afirma: "A atualidade de São Vicente de Paulo se explica pela sua espiritualidade simples, dinâmica, muito humana (e, portanto, sempre atual), sem deixar de ser profunda e exigente". "O traço característico da espiritualidade vicentina é a ausência de misticismo, a profunda vivência prática. É a espiritualidade da ação." A espiritualidade do serviço ao pobre a quem Vicente chama de "nosso senhor e mestre", acrescentando: "Servindo os pobres, servimos a Jesus Cristo".

FELIZ NATAL E ANO NOVO FELIZ!

Irmão CLAUDINO FALQUETTO FMS
Presidente Nacional da CRB

INFORME

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

SEMINÁRIO NACIONAL PARA FORMADORES

A CRB Nacional, com a colaboração de seu **Grupo de Reflexão Para a Formação (GRF)**, promoveu, de 8 a 15 de setembro de 1985, no Seminário CRISTO REI, em CAMARAGIBE (RECIFE), PE, um SEMINÁRIO NACIONAL PARA FORMADORES. Como tema central foi estudado o "ACOMPANHAMENTO PESSOAL NA FORMAÇÃO PARA A VIDA RELIGIOSA".

Os Assessores do SEMINÁRIO, Pe. JAIME E. SULLIVAN OMI, e Irmã NINFA BECKER FSP, dinamizaram a participação efetiva dos presentes, preenchendo manhãs, tardes e noites com intensa atividade, valorizando a experiência que os participantes trouxeram do respectivo campo de formação à Vida Religiosa, e orientando-os não só no conhecimento ou aprofundamento do uso de métodos e técnicas de Acompanhamento Pessoal, mas também no dos mecanismos psicológicos que podem ocorrer no Acompanhamento Pessoal.

Assim é que trabalhos de grupo, plenários, sociodramas e explicações foram se entremeando no decorrer do SEMINÁRIO, em vista de

mais adequada preparação dos responsáveis pela formação nas diferentes Congregações.

Sob a coordenação geral de Pe. ATICO FASSINI MS, Secretário Executivo da CRB Nacional, o SEMINÁRIO congregou 60 inscritos, não sendo possível acolher muitos outros pedidos de inscrição, dado o número limitado de vagas.

Entre os inscritos havia 49 Religiosas e 11 Religiosos (sendo 2 Irmãos e 9 Sacerdotes), de 39 Congregações Religiosas Femininas e 7 Masculinas, residentes em 20 Estados da Federação, e de todas as Regionais de CRB. Entre eles havia 15 que trabalham com Vocações, 27 no Pré-Noviciado, 32 no Noviciado, 19 no Juniorado, 3 na Formação Permanente, acumulando-se algumas funções, como se pode deduzir, bem como 3 Superiores Provinciais e uma Superiora Geral de Congregação brasileira.

O SEMINÁRIO foi organizado dentro do esquema e dos objetivos da nova sistemática estabelecida pela CRB Nacional para esse tipo de pro-

gramações, isto é, com a participação das Secretarias Regionais de CRB quanto à inscrição dos participantes, e com o objetivo de eles, após o SEMINÁRIO, tornarem-se multiplicadores não só a serviço das respectivas Congregações mas também a serviço das Regionais de CRB quanto à promoção de Seminários Regionais, Encontros, e reuniões que venham ajudar os Formadores em sua missão. Muitas atividades, a nível regional, deverão assim surgir agora, possibilitadas por este SEMINÁ-

RIO. num serviço de entreaajuda dos Formadores em cada Regional.

O SEMINÁRIO teve pleno êxito. Representa mais um passo valioso no serviço que a CRB presta às Congregações Religiosas no BRASIL, sobretudo nessa área tão delicada, difícil e imprescindível como é a da Formação à Vida Religiosa, área na qual o Acompanhamento Pessoal assume cada vez mais importância.

Pe. Atico Fassini MS

IRMÃS DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA NA ÁFRICA

No dia 30.07.1985, partiram de Porto Alegre (RS), com destino à África, as Irmãs do Imaculado Coração de Maria: Lady Ribeiro, Irmã Toniolo, Amelia Marcon e Lidia Maria Viera.

A Congregação, fundada por Bárbara Maix, no dia 08.03.1849, no Rio de Janeiro, tem sua Sede Geral em Porto Alegre (RS) e é constituída de 5 Províncias — 4 no RS e uma em SP — conta, atualmente, com 1.106 Irmãs.

Movida pelo desejo de uma sempre maior fidelidade ao seu Carisma específico, a Congregação tem procurado discernir os apelos que lhe são feitos, colocando-se numa atitude de disponibilidade à ação do Espírito Santo.

Em fidelidade à Igreja e ao nosso Carisma, fomos assumindo, com muita esperança, a busca do Projeto do Pai. Frente às necessidades e às grandes opções da Igreja, decisões significativas foram sendo assumidas, marcando a vida da Congregação que, através de suas Irmãs, foi se estendendo aos Estados do Norte, Nordeste e Centro-Oeste do País.

Em 1983, D. Manuel Vieira Pinto, Arcebispo de Nampula (Moçambique) fazia insistente apelo no sentido de que as Congregações religiosas se estendessem até a África — Nampula, Arquidiocese muito caren-

te de sacerdotes e religiosos (Cfr. CONVERGÊNCIA, junho-1984, p. 262).

A Congregação rezou, estudou e, por ocasião de seu 14.º Capítulo Geral Ordinário (dezembro/1984), que teve como Tema Central: "Compromisso com o Reino de Deus e suas conseqüências", buscou encontrar os caminhos de Deus na história dos homens e na história da Congregação, olhando também para a África.

Entre as 5 grandes Prioridades assumidas pelas 70 Capitulares, encontramos a que segue: "Expansão da Congregação, atendendo a: novas frentes missionárias; mudança de lugar geográfico; urgência da Igreja em outras regiões de missão, dentro e fora do País."

Assim, entre as Irmãs que se colocaram à disposição para um trabalho na África, estas quatro, depois de uma preparação pela oração, cursos, estágios, diálogo, reflexão e discernimento, partiram conscientes de que a Congregação as enviava para grande missão.

Partiram com muita fé, cheias de confiança em Deus, acreditando na força da oração e do apoio de todos nós que aqui ficamos.

SECRETARIA GERAL das Irmãs do Im. Coração de Maria

Porto Alegre, 1.º de agosto de 1985.

BEATIFICAÇÃO DO PE. BENTO MENNI

A Congregação das Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus registra com alegria e louvor ao Senhor, a solene Beatificação do seu Fundador, Pe. Bento Menni, no dia 23 de junho de 1985.

Acontecimento da Igreja. Os santos não são pertença exclusiva de uma comunidade religiosa. Eles são riqueza da Igreja, tesouro da humanidade. Através de sua vida e suas obras, o Evangelho se torna vivo, e o poder salvador que ele entranha se torna realidade e sinal para todos os homens.

QUEM FOI O Pe. BENTO MENNI?

Nascido em Milão, na Itália, no dia 11 de março de 1841, Ângelo Hércules (este era seu nome de batismo) foi o 5.º de uma família de 15 filhos. Seus pais, profundamente cristãos, eram comerciantes. Em 1859, aos 18 anos de idade se encontrava Hércules, pela primeira vez, no mundo dos enfermos, assistindo como voluntário às vítimas da frente de Magenta, a 20 Km de Milão, durante a guerra.

Em 1860 era admitido na Ordem dos Irmãos de S. João de Deus onde recebeu o nome de Bento Menni. Recebeu a unção sacerdotal a 14 de outubro de 1866. Acontecimentos de profunda repercussão na Igreja de Espanha haviam acontecido. Decretada a extinção das comunidades re-

ligiosas, os Irmãos de S. João de Deus são obrigados a abandonar 57 hospitais em Espanha, Filipinas e Cuba. E são dispersos. Em 1867, com apenas 25 anos de idade é nomeado Restaurador da Ordem Hospitaleira em Espanha. Segue para Granada com a benção do Papa Pio IX.

Os Irmãos de São João de Deus se dedicavam à assistência dos doentes mentais do sexo masculino. E as mulheres? Isto preocupava o Pe. Menni. Desejava fundar um Instituto de mulheres consagradas que voluntariamente, por amor a Cristo Crucificado, se dedicassem a atender, curar e assistir as doentes mentais, crianças subnormais e afetadas de Poliomielite e outras enfermidades ósseas. Em 1880, Josefa Récio Martin e Maria Angústias Gimenez, naturais de Granada, lhe expõem sua aspiração de ingressarem na vida religiosa. E ingressaram nas Religiosas Ursulinas. Mas Deus traçara-lhes outro caminho, e voltaram a Granada. A 31 de maio de 1881, o Jardim da Igreja era abençoado com mais uma família religiosa: as Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus.

Josefa Recio do SSmo. Sacramento, Fundadora da Congregação, morre a 30 de outubro de 1883, vítima de traumatismo peritoneal ocasionado pela agressão de uma doente mental. Aparentemente parecia que tudo desmoronava, pois a Congregação tinha apenas dois anos de existên-

cia. Mas o Pe. Bento Menni ali estava, como coluna da Congregação, para animar suas filhas espirituais.

Sua vida foi tão repleta de sofrimentos, quanto do seu grande amor a Jesus Crucificado, a Jesus Eucaristia e à Virgem. Morre em Dinan (França) no dia 24 de abril de 1914.

Espalhadas pelos Continentes da Europa, África e América, as Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus chegaram ao Brasil em 1963.

O carisma da Congregação, "TORNAR PRESENTE NO MUNDO O AMOR MISERICORDIOSO DE JESUS", é vivido na dedicada assistência aos doentes mentais, toxicô-

manos e alcoólatras. Seu lema é: ORAR, AMAR, SERVIR.

A Congregação, no Brasil, conta com 20 Irmãs de Votos Perpétuos (17 Portuguesas e 03 Brasileiras)) 4 Junioras, 4 Noviças, 2 Postulantes e 4 Aspirantes.

A Congregação não tem ainda Província no Brasil. É apenas Delegação da Província Portuguesa. Sua sede é na Casa de Saúde Nossa Senhora de Fátima — Estrada Turística do Jaraquá, 431 — Pirituba — São Paulo. Tel.: 831-4828.

Secretaria Provincial das
Irmãs Hospitaleiras do Sagrado
Coração de Jesus — PIRITUBA —
SÃO PAULO/SP

CEM ANOS DE PRESENÇA ESPIRITANA NO BRASIL

FESTA DE PENTECOSTES, 1703: PARIS

Pe. PATRICK J. LEONARD CSSp

Claude Poullard des Places, advogado, candidato ao sacerdócio, 24 anos, funda uma casa para seminaristas pobres, dispostos a trabalhar nos lugares mais difíceis da França e das colônias francesas. Nasce o Seminário do Espírito Santo. Claude foi ordenado em 1707 e morreu numa epidemia em 1709.

VÉSPERA DE NATAL, 1826. PARIS

Jacob Libermann, filho de rabino de Alsace, 24 anos, é batizado em Paris, e manifesta o desejo de ser sacerdote. Um ataque de epilepsia na véspera do subdiaconato parece por fim àquela idéia. Procurado em 1840, por dois seminaristas, para fundar um instituto em benefício dos escravos e ex-escravos negros das colônias francesas, ele aceita ir a Roma para pedir a devida autorização. Eles dedicam o instituto ao Imaculado Coração de Maria. Ordenado em 1841, Libermann inicia a missão em 1842.

23 DE DEZEMBRO, 1848: PARIS

A Congregação do Imaculado Co-

ração de Maria funde-se com a Congregação do Espírito Santo, e Pe. Libermann se torna seu 11.º Superior Geral. Ele falece no dia 02 de fevereiro, 1852.

08 DE DEZEMBRO, 1885: BELÉM DE PARÁ

Os primeiros missionários da Congregação chegam ao Brasil. Em 1897 abre-se uma casa em Manaus, e os missionários chegam até Tefé. Mais tarde, ficam encarregados das Prelazias de Tefé e Cruzeiro do Sul. Em 1926, espiritanos alemães chegam para ajudar seus colegas na região amazônica. Surgem as primeiras vocações brasileiras. Na década de '50, almas e holandeses começam a trabalhar mais para o Sul, na esperança de encontrar um chão mais fértil de vocações. Em 1963 chegam os primeiros irlandeses, e em 1975 um grupo de portugueses, saindo de Angola e Moçambique.

08 DE DEZEMBRO, 1985: BRASIL

Hoje, somos mais de 200 espiritanos, dos quais 10% são brasileiros.

Trabalhamos nas mais diversas situações, seguindo as linhas de pastoral e da vida religiosa traçadas pela CNBB e pela CRB, e tentando ser fiéis às opções de Puebla.

No mesmo espírito de dedicação aos mais marginalizados, vivendo em pequenas comunidades inseridas, trabalham as Missionárias do Espírito Santo, congregação fundada na França, sob inspiração espiritana, em 1923; também as Missionárias do Santo Rosário, fundadas na Irlanda em 1924, pelo bispo espiritano,

"Apóstolo da Nigéria", Dom José Shanahan. As Missionárias do Santo Rosário chegaram em 1966, e as Missionárias do Espírito Santo em 1975.

A família espiritana no Brasil convida os leitores de **Convergência** a louvar a Deus por este ano de jubileu, e a agradecer-lhe as maravilhas de libertação operadas no meio do povo brasileiro. "Olhou para a condição humilde de sua serva e fez por mim grandes coisas. Santo é seu Nome".

IDENTIDADE DA VIDA RELIGIOSA

- REFLEXÃO TEOLÓGICA

O presente texto foi preparado pela Equipe de Reflexão Teológica da CRB/RS. A redação esteve a cargo do Ir. Inácio N. Etges (n.ºs 1 a 3) e do Ir. Paulo Dullius (n.º 4 e anexo).

INTRODUÇÃO

No trabalho que precedeu ao presente (Cf. **Anunciar**, Ed. especial, n.º 1, 1983) procuramos trazer à tona, numa primeira parte, sinais e dificuldades que evidenciam a não suficiente clareza quanto à identidade religiosa.

Foram constatadas algumas dificuldades, manifestadas em forma de sinais indicadores d e s t a s. Foram abordados os seguintes, que mostram esta complexidade:

- certo abandono das normas vigentes e a não-assunção de novas, considerando-se as conseqüentes repercussões no SER RELIGIOSO;

- inconstância das e nas linhas de espiritualidade como da sua multiplicidade, sem terem sido aprofundadas criticamente, gerando, muitas vezes, radicalizações unilaterais;

- vacilação frente ao caráter transcendente da vida e missão próprias da Vida Religiosa.

Em contrapartida também há religiosos que encontram uma nova síntese existencial um modo criativo de viver a fidelidade a Deus.

Em segundo lugar foram considerados, brevemente, alguns fatores, nos níveis teológico, gnoseológico, psicológico e social, que influenciaram e continuam influenciando na parcial perda de perspectiva e presença como religioso numa missão específica na Igreja, hoje.

Numa terceira parte foram evidenciadas algumas propostas de possíveis encaminhamentos para a elaboração dessas dificuldades. As propostas foram abordadas dentro dos mesmos níveis em que foram identificados os fatores.

E, por último, uma breve descrição de alguns elementos constitutivos da Vida Religiosa como referencial teórico que pode auxiliar no discernimento da Identidade religiosa hoje.

O presente texto tem em vista complementar o precedente, dando enfoque maior aos elementos constitutivos da Vida Religiosa; isto é, um aprofundamento da reflexão teológica dos valores centrais da Vida Religiosa e suas mediações. Não se pretende esgotar a questão mas refletir alguns aspectos fundamentais.

1. CARACTERÍSTICA PRÓPRIA DA VIDA RELIGIOSA

Não há nenhuma afirmação neotestamentária explícita que nos revele a instituição da Vida Religiosa. Contudo, tomando o Evangelho como um todo, encontramos uma convergência de elementos que caracterizaram uma maneira própria de seguir Jesus Cristo. A característica própria da Vida Religiosa reside no fato de que ela se constrói em torno de uma opção de fé, naquilo que ela tem de mais próprio e central: o seguimento radical de Jesus Cristo.

1.1 Chamado pessoal e gratuito de Deus

A vocação religiosa, desde o momento inicial, surge como um chamado e eleição que não se fundamenta em uma exigência, mas num convite pessoal e gratuito que brota da livre iniciativa do amor do Pai. A proposta que brota do amor do Pai é pessoal e pede uma resposta, também pessoal; isto é, a proposta nos coloca numa crise que requer uma decisão pessoal. Ninguém pode assumir essa responsabilidade a não ser a pessoa eleita. A proposta requer uma ruptura, um viver na solidão para poder elaborar e expressar uma decisão, decisão vital, de resposta gratuita correspondente ao amor gratuito do Pai, ou de voltar-se e fechar-se sobre si próprio, querendo bastar-se a si mesmo.

O chamado e a resposta resultam do encontro de duas liberdades: Deus que chama e o homem que

responde. A liberdade da parte de Deus é plena. Da parte do homem nem sempre é tão genuína. Pode estar misturada com dinamismos e conflitos que comprometem a harmonia interna e por consequência condiciona seu SER e suas atitudes. Desta forma a resposta ao amor do Pai pode não ser plena, porém normalmente pode crescer e se tornar mais livre.

É fundamental encontrar o sentido da vida na experiência de saber-se amado por Deus, atraído por ELE. Quanto maior a liberdade interna da pessoa maior será a possibilidade de sentir-se amada por Deus; de acreditar no seu amor incondicional, apesar da fragilidade, do pecado. Nesta proporção ela orienta sua vida por uma opção de fé, colocando Deus como projeto central de vida.

Ao aceitar que Deus o eleja, que Deus o consagre, o homem acolhe sua vocação como envio, serviço e missão por causa do Reino. Acima de tudo vocação é processo de vida. Neste processo estão sempre presentes Deus — eu — os outros. Deus pode ser percebido sempre como novo; os outros, a cada dia apresentam novos desafios; a resposta também deverá ser sempre nova. Portanto o chamado-resposta é um processo que dinamiza a vida toda e toda a vida do homem; é uma fidelidade criativa.

1.2 O religioso se propõe viver Deus no seguimento radical de Jesus Cristo

Jesus Cristo é o enviado do Pai.

Encarnou-se, experienciando a nossa realidade e nela discerniu e viveu a Vontade do Pai tornando-a o projeto central de sua vida. Por diversas vezes os Evangelhos nos colocam a par de que "ELE se retirou" do meio do povo para estar a sós com o Pai, discernindo o caminho a seguir no anúncio e testemunho do Reino. A sua vida oculta em Nazaré foi crescimento em estatura, em sabedoria, em graça diante de Deus e dos homens (cf. Lc 2,52). Experimentou a solidão e não se preocupou com a auto-realização, em tornar-se popular, famoso, em ser admirado pelo povo...

A característica própria da Vida Religiosa reside no fato de que ela se constrói em torno de uma opção de fé, centrada na pessoa de Jesus Cristo. Assume-se a Vida Religiosa por causa de Jesus Cristo. Por causa Dele o religioso "gasta sua vida" na proclamação dos valores do Evangelho. Por isso, segue-O na solidão sem se preocupar com a auto-realização e a popularidade. "Chamados pelo Senhor, os religiosos comprometem-se a segui-LO radicalmente identificando-se com ELE a partir das Bem-Aventuranças" (Puebla 749), sendo para o mundo atual testemunhas autênticas do Reino de Deus.

Os religiosos por seu estado de vida dão brilhante e exímio testemunho de que não é possível transfigurar o mundo e oferecê-lo a Deus, sem o espírito das Bem-Aventuranças. Transfigurar o mundo só é possível, percebendo-o com o olhar de Jesus Cristo. Transfigurar o mundo é pervadi-lo com a dimensão da fé, de

presença do amor de Deus em tudo. A Vida Religiosa, vista a partir das Bem-Aventuranças, não é colocada numa linha proibitiva, mas libertadora. Não como renúncia, mas como DOM. A renúncia é uma consequência da anterior decisão de doação incondicional ao Senhor. É um penetrar na mentalidade do Cristo que viveu as Bem-Aventuranças, como seu modo concreto de ser.

Viver a Vida Religiosa no seguimento radical de Jesus Cristo consiste em deixar-se penetrar por ELE até a raiz do SER. Radical é aquele que vai à raiz, o que assume os ensinamentos de Jesus Cristo com todas as suas consequências. A radicalidade é indicadora de um referencial de valores que se expressa numa práxis correspondente, isto é, sempre constitui o ponto de referência para o SER e AGIR. Seguir radicalmente Jesus Cristo é estar em processo de conversão a ELE; é deixar que o Evangelho seja o que estabelece os critérios do SER e AGIR. O seguimento é percebido como exigência de assimilação dos valores evangélicos; transformando-os em motivações centrais da própria vida.

1.3 O religioso vive sua vida no Espírito

O Pai ao propor-se libertar nossa história do pecado, gérmen da morte, elege em seu Filho, mediante o Espírito, homens e mulheres batizados para um seguimento radical de Jesus Cristo dentro da Igreja (Puebla n.º 740).

O religioso deixa-se guiar pelo

Espírito na descoberta e adesão à Vontade do Pai e aos caminhos do seguimento de Jesus Cristo. Nele faz a experiência da verdade sempre nova do AMOR indefectível do Pai em Cristo. Nele busca ser fiel aos desígnios de salvação do Pai, em Cristo.

2. DIMENSÕES ESSENCIAIS DA VIDA RELIGIOSA E SUAS CONCRETIZAÇÕES.

2.1 Dimensões essenciais: Experiência de Deus, vida comunitária e missão.

O seguimento radical de Jesus Cristo subsiste se for fundamentado numa profunda experiência de Deus, vivido em comunidade fraterna, para o empenho numa missão apostólica.

2.1.1 Experiência de Deus.

Paulo VI define o religioso como aquele que se propõe ser um especialista de Deus. Não um especialista em termos de saber para poder falar eruditamente sobre Deus, mas no sentido de experienciar Deus no seguimento radical de Jesus Cristo.

A experiência de Deus é fundante de toda a Vida Religiosa, sua referência primordial. Ela se compreende precisamente como consagração, entrega, disponibilidade a Deus, Supremo Amor. Deus é percebido como o primeiro, isto é, a Vida Religiosa se entende em referência a esse Primado Absoluto. A experiência de Deus aparece como entrega

TOTAL da vida a Deus, um "viver para Deus". A Vida Religiosa é experimentada como um poder viver e um querer viver em alegria, em paz, de modo radical, referido a Deus, como Absoluto. E isso acontece na força da graça de Deus. "Experiência de Deus significa concretamente: seguir Jesus Cristo numa verdadeira mística que implica identificação com suas atitudes e compromissos, participação de sua vida e partilha com seu destino" (L. Boff). Tudo passa a ser visto e vivido sob a ótica da fé.

Nesta experiência o religioso percebe-se como itinerante. Alguém que busca e discerne a Vontade do Pai diante dos desafios novos e exigentes que lhe são propostos cotidianamente.

A experiência do amor de Deus em Cristo e no Espírito é feita pelo religioso de modo especial na oração: oração de toda hora e tempos fortes de oração. Ela pode se concretizar na oração pessoal e/ou comunitária, como também na oração litúrgica (eclesial, pública). Esta experiência está centrada na meditação da Palavra de Deus, na celebração da Eucaristia e demais sacramentos. Compreende-se que esta oração seja suficientemente longa, para dar tempo a uma comunhão gratuita com Deus, para amá-lo e deixar-se amar por ELE, para aprofundar a experiência do SEU amor gratuito.

2.1.2 Vida comunitária

O homem participa na raiz de seu ser, do próprio ser de Deus. O ser

de Deus não é solidão, não é isolamento; é comunidade, é Trindade. O ser de Deus só é Deus porque é Pai, Filho e Espírito Santo. Nosso ser vem desse Deus comunidade, que é comunhão.

O religioso vive sua opção radical por Deus assumindo a Vida Comunitária como forma histórica de realizar sua comunhão com a Trindade. A fraternidade livre e gratuita torna-se mediação de sua experiência de Deus. A vida em comum é, ao mesmo tempo, a expressão da presença de Amor de Deus, que une em fraternidade, como uma ajuda para vivê-la.

A comunidade religiosa como tal, não encontra em si mesma sua razão para existir. Não é comunidade natural como a família. A comunidade se enraíza e se legitima na e pela fé. Vive a fraternidade por causa do Reino, encarnando a inspiração fundamental do Evangelho.

O religioso não se recolhe à comunidade para sentir-se amado, para guardar-se mas para partilhar, retomar forças para a continuidade da missão. É lugar de convívio de descanso, de comunicação, de entre-ajuda fraterna; lugar de celebrar a fé e a vida dos irmãos; lugar de perdão; lugar de aprofundar e renovar o carisma do próprio Instituto religioso.

A vida comunitária é um projeto permanente. Não se encontra pronto. É necessário construí-lo no dia-a-dia. Ela deve permitir a cada membro expressar-se tal como é e ajudá-lo a ser sempre ele mesmo, superando suas próprias limitações.

"A vida em fraternidade possibilita:

— ajudar o religioso a ser pessoa unificada no SER e no AGIR: capaz de viver e criar comunhão, o que implica constante conversão;

— promover a abertura para o outro a fim de que nasça o "nós";

— criar em seus membros uma verdadeira amizade, fundada no amor salvífico que busca o bem do outro, criando e favorecendo condições humanas nas quais seja possível a realização de seu ser" (Doc. CLAR — Vida Segundo o Espírito n.º 184).

A comunidade só se completa no momento em que sua vida transborda, se irradia e se compromete numa missão (ação apostólica). A comunidade envia seus membros para a missão. Cada membro é enviado pela comunidade. Neste sentido a ação apostólica realizada por um membro da comunidade é ação apostólica da comunidade. O testemunho de fraternidade, de acolhida, de partilha, incide diretamente na eficácia apostólica da comunidade.

2.1.3 Vida apostólica — Missão

A Vida Religiosa hoje tem como exigência estrutural a dimensão de Missão, de serviço aos irmãos. É decorrência necessária da própria experiência de Deus e de comunhão fraterna. Nem a experiência de Deus e nem a vida fraterna se entendem fechadas em si mesmas. Elas relançam o religioso para uma dimensão apostólica. É constitutivo da Vida

Religiosa a visão constante do amor e serviço fraterno.

O amor de Deus e o seguimento de Jesus Cristo vivido em comunidade impele o religioso a uma ação apostólica em vista da salvação dos seus irmãos; a empenhar-se para que eles tenham vida e a tenham em plenitude.

O apostolado será o transbordar de uma vida de fé, de saber-se amado por Deus e de saber que este amor se dirige a todos, ainda que nem todos o conheçam ou queiram aceitá-lo.

Resumindo, pode-se dizer que a Vida Religiosa constitui-se como estrutura significativa através de sua tríplice relação: com Deus, entre os irmãos e para com os irmãos. São três elementos que, se de um lado têm uma consistência própria, uma identidade, não se deixam, porém, entender senão na relação mútua. Cada um está sempre presente no outro. A experiência de Deus não se entende a não ser vivida em fraternidade e no serviço. A fraternidade recebe sua força, sua significação da experiência fundante de Deus e de seu desdobramento no serviço aos outros. Este se manifesta como mediador significativo da fraternidade.

2.2 Aspecto histórico evolutivo

Os elementos estruturais da Vida Religiosa foram vividos de forma diferente em cada momento histórico. Estabeleceram-se relações diferentes

entre si com acentos e conotações diversas, como também as respectivas práticas.

A vivência da Vida Religiosa, na visão pré-conciliar, era mais espiritual-individualista. Partia-se sempre do espiritual, dando grande ênfase aos exercícios ascéticos como meio e garantia de salvação. Era primordial a observância das normas prescritas pelas Congregações. Todo o trabalho formativo era desenvolvido a partir do espiritual. Pouco se trabalhava a nível de pessoa. Os problemas e conflitos intra e interpessoais eram tratados a nível espiritual. Percebe-se aí uma visão mais vertical da Vida Religiosa.

Logo após o Vaticano II iniciou o movimento de renovação. Época em que ocorreram os Capítulos Gerais de "aggiornamento" solicitados pela própria Igreja e manifestados em alguns documentos conciliares e pós-conciliares. Acentuou-se o que diz respeito à vida interna das comunidades e abertura da Vida Religiosa ao mundo contemporâneo. No que se refere à vida comunitária houve uma real preocupação de torná-la fraterna; como também uma vida espiritual mais partilhada, respeito maior à pessoa humana e comunidades menores. Por outro lado a abertura ao mundo contemporâneo com as idéias de secularização trouxe a preocupação de maior inserção: estar no mundo sem ser do mundo. Isto tudo acarretou dificuldades e crises institucionais e sobretudo pessoais. Passou-se de uma visão estática para uma visão mais dinâmica da Vida Religiosa. Esse impacto exigiu um

grande esforço e mobilização para ativar uma renovação. Nesta fase pós-conciliar, percebem-se os elementos estruturais da Vida Religiosa mais a partir do enfoque comunitário.

Entra neste contexto todo a renovação da própria Igreja. A partir de Medellín e de Puebla, na Vida Religiosa, está brotando uma linha conseqüente à do Vaticano II. As comunidades ativadas numa nova dinâmica e frente aos apelos percebidos do mundo, sentem não poder mais fechar-se sobre si. Percebem a necessidade de irradiarem o ideal fraterno vivido dentro. Surge daí a visão da Vida Religiosa a partir da MISSÃO. Missão hoje entendida como o ENVIO da comunidade que vive fraternalmente e que tem por sustento a Experiência de Deus.

Além desses acentos e conotações históricos, é preciso considerar a dinâmica do próprio religioso. Em cada fase da vida há uma dinâmica própria. Assim, por exemplo, o tipo de oração para os mais jovens é normalmente mais verbal e participativa, enquanto o adulto tende a encaminhar-se para a contemplação. Os outros elementos constitutivos da Vida Religiosa (vida comunitária e missão), são também vividos de forma diversa nas fases evolutivas da pessoa. O religioso é um itinerante, necessita crescer sempre; adquirindo maior liberdade interna, que é fundamental para sentir-se amado por Deus e estender esse amor, como serviço aos outros, sem segundos interesses.

2.3 Realização num carisma específico dentro da Igreja como sinal escatológico.

2.3.1 Vida Religiosa na Igreja

A Igreja se compreende a si mesma como continuadora e presença da missão de Jesus, a serviço do Reino de Deus.

Como acontecimento de Igreja, a Vida Religiosa assume a missão de estar a serviço dos homens. A vida religiosa é profundamente eclesial. Pertence, como disse o Concílio Vat. II, inseparavelmente à vida e à santidade da Igreja. Assim as preocupações e os desafios que o mundo faz à Igreja, os faz também à Vida Religiosa. As opções e orientações da Igreja são também as da Vida Religiosa. A missão específica da Vida Religiosa na Igreja é a de ser agente evangelizador em duplo sentido: SER e AGIR.

O religioso é membro ativo dentro da Igreja. Em comunhão com a hierarquia busca e discerne a Vontade do Pai para construir o Reino de Fraternidade; é, por isso, sensível aos clamores do povo.

2.3.2 O carisma da Vida Religiosa e carismas específicos.

A Vida Religiosa como tal se distingue na Igreja pelo radicalismo de seu seguimento a Jesus Cristo especialmente no SER, isto é, no testemunho. O carisma da Vida Religiosa é ser na Igreja o sinal, o sacramento

eficaz do amor do Pai revelado em Cristo. O documento de Puebla menciona a Vida Religiosa como testemunho autêntico do Reino de Deus (n.º 742), expressão vital dos valores evangélicos (n.º 761). Esse sinal é traduzido e explicitado de forma específica e peculiar nos diferentes institutos religiosos.

Em cada momento histórico surgiram carismas específicos, dentro de uma situação concreta da Igreja e da sociedade, como resposta a fortes apelos e desafios do momento histórico.

O carisma é dinâmico. Impõe uma releitura para o contexto histórico que se vive.

O religioso, partindo do chamado gratuito e da livre iniciativa do amor do Pai, concretiza a sua resposta, assumindo um carisma específico. Nele se compromete no SER e AGIR; canaliza as suas energias em função do Reino, e é desafiado a aprofundar, redescobrir e tornar transparente esse ideal.

2.3.3 Sinal escatológico

É próprio da Vida Religiosa chamar atenção e testemunhar ao mundo a dimensão escatológica do Reino de Deus, já presente, embora ainda não de forma plena. Sendo sinal desta dimensão do Reino, o consagrado deixa na penumbra outros valores históricos, relativizando-os em vista do único ABSOLUTO, DEUS. A renúncia a esses valores históricos, segundo Puebla, será para todos um

sinal luminoso de libertação escatológica, vivida na entrega a Deus e numa solidariedade nova e universal com os homens (n.º 749). Neste sentido o religioso vive na tensão entre o histórico e o escatológico, entre o Reino já presente e a sua plena realização.

3. DINÂMICA DO TORNAR-SE RELIGIOSO

O religioso, como o cristão, está sempre a caminho, isto é, está se tornando religioso, se tornando cristão. "Se alguém se consagra a Deus é porque intenciona fazer Deus o pólo orientador de todas as dimensões da vida" (L. Boff); isto é, há uma prioridade na vida do religioso: o Primado ABSOLUTO DE DEUS. Deste ÚNICO ABSOLUTO o religioso faz o seu projeto central de vida, denunciando pelo SER todas as absolutizações humanas contrárias aos valores do Reino e revela aos homens a dimensão transcendente escondida nos valores terrestres.

Dizíamos acima que o CHAMADO-RESPOSTA é o encontro de duas liberdades. Da parte de Deus ela é sempre plena, mas da parte do homem nem sempre se pode contar com sua presença plena. Podemos dizer que enquanto não há uma certa liberdade interior há uma redução deste primado do Absoluto, comprometendo uma identidade mais genuína. Também neste sentido somos itinerantes, pois na medida em que alcançarmos nossa identidade pessoal mais abrimos perspectiva de tomar Deus o ÚNICO ABSOLUTO.

Podemos dizer que no processo do seguimento de Jesus Cristo nunca estamos prontos. O chamado é sempre novo, é dinâmico, em cada momento histórico há novos apelos e desafios que exige sempre um novo posicionamento, uma nova resposta.

Desta forma na vida do religioso há algumas etapas e dinâmicas que marcam seu itinerário espiritual: sua origem está no chamado de Deus; discernido e alimentado ele é acolhido com fé; após alguns anos de vivência na Vida Religiosa, a consagração é assumida publicamente, que requer uma fidelidade dinâmica.

A fidelidade dinâmica se manifesta em quatro dimensões:

— na procura inicial e permanente da Vontade do Pai sobre si mesmo, em relação aos outros e o sentido profundo dos desígnios de Deus para o mundo;

— na aceitação da Vontade de Deus depois de descoberta ou percebida;

— na coerência do SER e AGIR em relação à opção feita;

— e por fim na constância no seguimento.

4. OS VOTOS RELIGIOSOS DIALÉTICA DO SER E DO TORNAR-SE SINAL

4.1 Sentido dos votos

Os votos religiosos podem ser vistos como vividos dentro e fora

deste mundo, ou seja, há algo semelhante a uma diversidade de organizações concretas humanas e também há algo que as ultrapassa. Neste sentido, os votos explicitam a ambas. Externalizam um voto fundamental de tomar de modo oficial e público o modo de ser de Jesus Cristo como o próprio estado de vida. Assim, o centro irradiador de valores está nesta orientação clara e decisiva para Deus. Sempre esta forma de pertença a Deus se efetua dentro de uma comunidade religiosa concreta. E é por isso que antes de pertencer a esta ou àquela determinada Congregação Religiosa, cada religioso já pertence àqueles que dentro da humanidade tomaram como modelo de vida a Jesus Cristo e tomaram também o seu modo-externo e seus valores transcendentais como norma geral de vida. E vivem este centro de valores transcendentais dentro do estado celibatário. Vivem celibatariamente castos, pobres e obedientes.

É por isso que em primeiro lugar os votos determinam uma opção positiva, ou seja, um testemunho escatológico, cristológico e eclesiológico de três aspectos centrais da vida diária: pobreza, castidade, obediência. Sempre em cada voto aparecem externalizações de Jesus Cristo que é célibe, pobre e obediente ao Pai, ou seja, nenhum amor humano consegue abarcar seu amor, nenhum grupo voltado para o dinheiro ou para o poder consegue enquadrá-lo em sua posição. Nisto está perfeitamente livre e cumpre apenas a Vontade do Pai, à qual está totalmente aberto.

Neste testemunho de amor universal, total abandono a Deus e desapego dos bens, obediência a Deus cumprindo sua vontade, os religiosos são uma presença de Igreja, e contínuo apelo crítico da missão que o próprio JC lhe confiou.

Se a fé se refere mais a um acontecimento do passado (que JC é o Filho de Deus e as conseqüências disso decorrentes), a esperança é o modo atual de ser na expectativa da manifestação plena dos filhos de Deus, a caridade é sem dúvida a presença da eternidade no tempo. Ela é a virtude especificamente escatológica. Ora, a vida religiosa, através dos votos religiosos, testemunha a presença escatológica enquanto relativiza algumas coisas boas (bens, amor humano, autonomia) e nisso serve de presença permanentemente crítica das preocupações centrais nestes aspectos que testemunham a dimensão humana de cada um. É em primeiro lugar este elemento positivo dos votos que é importante. Numa análise mais profunda, dentro da dinâmica geral da pessoa, vê-se que a tendência em acentuar o aspecto de renúncia nos votos é mais freqüente numa pessoa talvez mais imatura ou menos convertida, ou seja, quando o religioso ainda não encontrou sua identidade nova em Cristo. É interessante observar como na prática isso corresponde muitas vezes ao grau de liberdade interior dos religiosos. Olhar os votos do ponto de vista positivo é mais comum entre religiosos que encontraram o sentido de sua vida neste seguimento radical de Jesus Cristo; religiosos menos maduros

tendem a insistir mais no aspecto de renúncia. Uma outra observação que ainda poderia ajudar a entender certos aspectos dos votos: a matéria dos votos nem sempre é clara para todos. Mas é também interessante observar como para os votos de pobreza e castidade a Igreja estabelece matéria bem precisa, e se deve ao fato de ser algo bem material, correspondendo aos primeiros níveis de vida psíquica, e por isso a mera observância dos votos frustra os religiosos, pois os mantém quem sabe bastante infantis e numa linha casuística. O voto de obediência, diversamente, pede a matéria de voto a partir de um critério de maturidade psicológica, humana e espiritual. E por isso também pede maior maturidade para que seja compreendido de fato. A matéria do voto de obediência nem sempre é claro para os religiosos, talvez em parte devido ao fato de nem sempre atingirem o grau de maturidade exigido para compreender bem a obediência.

Essencialmente os votos consistem em atitudes de profundo respeito diante das coisas, das pessoas (amor) e também diante do sagrado e de Deus, que se manifesta em toda a parte. A falta de respeito para com os bens, a manipulação das pessoas, a vontade de não mudar traços de caráter que possam prejudicar a evangelização, etc., são faltas contra a pobreza. O desrespeito a si mesmo ao outro, a deturpação das relações sociais, a imposição de modos de ver e de ideais aos demais, etc., constituem faltas contra a castidade; desrespeito pelo próprio ritmo do corpo, o isolamen-

to social, a complacência, autonomia, dependência, individualismo, não escuta da Igreja, do processo histórico de um povo e de cada indivíduo, etc., são faltas contra a obediência.

Assim pode-se ver que os votos não estão relacionados a uma matéria bem concreta e uma vez que não haja uma infração real já se possa dizer que há vida religiosa radical. Constituem um processo global que atinge o ser como um todo do religioso. Sempre há possibilidade de crescer neste seguimento de Jesus Cristo bem como há necessidade de purificar continuamente nossas motivações no relacionamento com as coisas, com as pessoas e com os próprios projetos de vida.

Por que insistir nestes três aspectos e não em outros? Certamente JC iniciou sua vida pública diante de alguns dilemas, os quais explicitam tendências muito comuns em cada pessoa. O conteúdo e modo de superar as tentações (Cf Lc 4,1-13 e Mt 4,1-11) nos reportam a algumas tentações perenes da humanidade e de cada um. São as grandes idolatrias do poder, do ter e do prazer: pão, glória, poder. A tentação de Jesus é uma realidade permanente na vida social e na vida de cada um. Não é que se trata em primeiro lugar de algo negativo. As coisas são um bem, e não tem sentido procurar o sofrimento por sofrimento; tampouco significa algo importante entregar simplesmente a auto-determinação aos demais. Uma visão meramente negativa das coisas parece ser mais uma perspectiva veterotestamentária. João Batista via nas coisas algo

mais negativo, Jesus Cristo era livre diante das coisas e por isso não sentia o escrúpulo em tomar um bom vinho, em gostar da natureza... mas não tinha uma pedra dele para reclinar a cabeça e foi enterrado num sepulcro alugado. Rejeitar as coisas em si não facilita ter uma atitude de gratidão diante do universo.

Os religiosos professam rejeitar estas três idolatrias que se convertem em tentações constantes e perenes. A uma vida regulada pelo poder, ter e prazer, eles se propõem a aderir sempre mais a uma vida de serviço, no despojamento, na pobreza e no amor casto. O fato de nem sempre eles os viverem de modo maduro e radical significa que a simples profissão de um ideal não significa já a capacidade de vivê-lo em plenitude. Significa também que os religiosos não são pessoas que em si já estão mais perfeitas, mas ainda sujeitas às tentações. Se Jesus Cristo teve presente em toda a sua vida estas tentações, também os religiosos sentem-se continuamente tentados por elas.

4.2 Aspecto dinâmico e progressivo dos votos

Acabávamos de tratar a questão dos votos como algo que se contrapõe estruturalmente à tentação da idolatria do poder, do ter e do prazer. Víamos também que estas tentações são algo que acompanha a vida de cada pessoa e também do religioso. Neste sentido também se verificam formas dinâmicas dentro do voto de pobreza, de castidade e de obediência. Certamente, a pobre-

za para um jovem é sentida de forma distinta como a sente um religioso de 45 anos, o qual já trabalhou mais e que sente já certo "direito" de ter alguma coisa. Idealmente o jovem é mais desapegado e mais aberto aos pobres do que o é em geral um religioso de certa vivência. Deve-se a certas ilusões, expectativas e ideais, os quais ainda não receberam o confronto com a prática para purificá-los. E vários deles mais tarde abandonam estes ideais, enquanto que outros vivem-nos de forma sempre mais radical. Esta diferença na concretização futura parece dever-se, entre outras coisas, à própria dinâmica interna de libertação, a qual recebe o nome de conversão religiosa. O mesmo se pode dizer como voto de castidade e o de obediência. Certamente para uma determinada época da vida o voto de pobreza é mais fácil do que o de castidade, e o de obediência mais difícil do que o de pobreza... Isso depende também em parte dos diferentes estágios evolutivos de cada qual. Dentro de cada voto há também esta dinâmica e diversidade de vivência. Assim, a castidade na adolescência significa algo mais como renúncia a certo modo de proceder, mas que talvez em outra idade pede mais uma oblatividade gratuita e de integração de todas as potencialidades e vivências.

Também é conveniente e oportuno observar que nem todos os religiosos sentem facilidade ou dificuldade igual para todos os votos. Isso parece depender em parte da forma de educação, do grau de maturidade, dos valores sociais, pessoais e reli-

giosos. Depende também das necessidades e conflitos pessoais de cada um. Alguém que tenha muita dependência afetiva vai achar o voto de castidade mais difícil e encontra facilidade em obedecer, por exemplo. Pode também alguém com forte conflito de autoridade ter dificuldade em obedecer, mas que na pobreza não apresenta maiores dificuldades. No entanto, convém também observar que isto não é uma regra geral. Pelo contrário, pode alguém ter um conflito subconsciente e ter dificuldade mais explícita num dos votos, mas usar os outros de forma defensiva.

Finalmente, convém também observar que historicamente há uma dominância num ou noutro voto. Numa época em que o valor do corpo ou a inclinação ao prazer recebe mais apoio social, o voto de castidade é colocado em xeque, o que leva a purificá-lo e a refletir mais sobre seu sentido. Numa época de grande injustiça social quanto à distribuição dos bens, o voto de pobreza é iluminador como alternativa. E estes dois votos hoje em dia parecem ser os mais questionados e por isso os mais desafiados. Estamos mais conscientes da função social dos bens e por isso questiona-se mais o voto de pobreza. Ainda estamos a caminho de um maior questionamento do voto de castidade. Tais questionamentos purificam o voto de elementos espúrios e ao mesmo tempo faz com que se crie uma consciência mais clara sobre seu valor.

Por enquanto, socialmente estamos mais preocupados com o ter e

o prazer. Com isso desviamos bastante a atenção sobre esta busca maior de autonomia. O aspecto comunitário está sendo considerado grande valor, o que leva a diminuir e a desprestigiar o aspecto individual. Devido a isso, o voto de obediência parece ainda não ser suficientemente questionado. Além disso, a autoridade, enquanto poder legítimo, diminuiu sua força de influência e, conseqüentemente, há mais liberdade individual, sem tanto depender dos superiores.

4.3 Os votos como sinais

Nem sempre os votos são vistos claramente como sinais. Esta dificuldade de leitura depende de vários fatores, concentrados especialmente em dois centros: por parte daquele que vive os votos e por parte daquele que é objeto de testemunho, ou aquele que deve vê-lo. Desta situação nasce a ambigüidade dos votos como sinais.

Antes de mais nada, os votos como sinais e como testemunho não poderiam ser jamais centro de preocupação. Uma vez que na realidade Jesus Cristo não esteve nunca atento ao testemunho que vivia, não é esta também a preocupação central dos religiosos. Jesus Cristo tinha muito claro que não dependia da opinião dos homens sobre sua identidade mas do Pai. Uma clara preocupação sim, deve estar presente nos religiosos, i.é, não ser contra-testemunho. Daí que unicamente questionar estes temas pode já ser suficiente razão para se pensar na falta de sinal.

Hoje não é mais possível esconder o suficiente a realidade a tal ponto de não se perceber fora que haja um conflito dentro da pessoa bem como na Instituição. Deve-se, entre outras coisas, ao maior acesso à vida religiosa por parte da sociedade e mesmo dentro da própria instituição; deve-se também à falta de um esquema protetor e defensivo suficientemente forte para impedir que os conflitos apareçam. Ora, isso tem suas repercussões no testemunho. Se hoje a falta de testemunho é mais gritante, não significa automaticamente que há menos vida religiosa. Significa apenas que está mais diante das pessoas sem esquema defensivo. Além disso, a vida religiosa é mais visada e observada a partir de fora para que cumpra a finalidade intrínseca de sua própria existência. Evidentemente, a força apostólica e criativa da vida religiosa depende em grande parte desta presença de Reino que ela mesma é em sua essência. Nem sempre a transparência cristã e religiosa aparece no dia-a-dia do religioso, seja como indivíduo como participante de uma congregação religiosa. O testemunho de esperanças e de fé que a própria profissão religiosa significam como alternativa para o modo de colocar-se diante das coisas, do prazer e do poder, permite estar como facho permanente de possibilidade de realização sem cair em tantas idolatrias.

Por parte da pessoa que recebe o testemunho pode acontecer o mesmo fenômeno deturpador que acontece para aquele que quer ser testemunho. "Para os puros tudo é pu-

ro". Isso significa também o contrário: para os impuros, o próprio puro parece impuro, ou seja, cada qual vê testemunho se seu coração está também disposto a ver testemunho. É certamente um coração contaminado fortemente pelas idolatrias que os votos religiosos querem denunciar, não tem condições de ver e perceber a verdade que quer ser expressa. Para aqueles que vivem mais maduramente sua fé há maior possibilidade de ver algum testemunho e mesmo viver a fé independentemente da falta de receber testemunho religioso.

O conteúdo do testemunho religioso não se limita à matéria dos votos, mas inclui também outros elementos da consagração para Deus, tais como a possibilidade comunitária, a vida de oração, os valores transcendentes, a realização a partir do abandono em Deus, a alegria de servir, o morrer para si para reviver em Deus, o perder a vida para ganhá-la... Todas estas situações e realidades evangélicas são contínuo desafio para uma sociedade que nem sempre se guia segundo o Evangelho, mas ao mesmo tempo é gesto de solidariedade e apoio para os cristãos que são coerentes com sua fé.

O testemunho religioso possui o caráter de anúncio de algo novo, e também de denúncia do pecado. É difícil que um religioso seja testemunho perfeito de ambas estas dimensões. Há maior tendência hoje na denúncia. E nisso há uma dimensão profética da vida religiosa. Mas é mais uma profecia vetero-testamentária, uma vez que é muito ca-

racterístico dos profetas serem denunciadores do que acontece de errado. Mas são pouco criativos para propor uma alternativa. A denúncia do velho e o anúncio em palavras e obras de algo novo (o reino novo) é algo peculiar da dimensão profética de JC. Hoje esta alternativa existencial como anúncio de algo novo é talvez mais importante ainda do que a mera denúncia. Mas sobre isso novamente se poderia incorrer num julgamento prematuro da real necessidade de reencontro da identidade religiosa.

CONCLUSÃO

Neste texto vimos rapidamente em que consiste a vida religiosa. Passamos os elementos essenciais do ser religioso enquanto alguém entregue a Deus, voltado para Ele, dentro de uma vida comunitária, e concretizando esta experiência nova numa missão apostólica confiada pela Igreja a diferentes congregações religiosas.

Esta vida religiosa possui uma dimensão dinâmica dentro da vida histórica de cada Instituto e de cada povo. Devido a isso, os votos concretizam esta forma dialética de algo que já existe como opção radical, mas que se concretiza no dia-a-dia de cada religioso, segundo seu contínuo crescimento interior. O testemunho religioso é um processo ambíguo permanente e nunca suficientemente legível por todos: é ambíguo na pessoa do religioso e também naquele que o procura ler. O maior ou menor grau de liberdade

interior e a conversão são responsáveis em grande parte por esta diversidade de manifestação da radicalidade evangélica, a qual testemunha a vida religiosa diante de Deus e para os homens.

À guisa de conclusão ainda permaneçam algumas perspectivas a serem aprofundadas, tais como:

— até que ponto certas dimensões concretas da VR têm presente esta consciência de ser um estado de vida que se irradia a partir de valores transcendentais, evangélicos?

— Hoje há uma dominância na avaliação da dimensão apostólica. Não se estaria com isso também diminuindo a importância da própria vida religiosa enquanto ser religioso?

— Uma insistência na vida comunitária está a indicar que faltava esta dimensão em determinadas épocas históricas, ou seria maior consciência do valor da mesma? No entanto, não estaria talvez para o futuro trazendo para a vida religiosa comunitária tanta mediocridade que novamente traria o desgosto pela própria vida religiosa?

— Há certas alternativas para um modo novo do ser religioso. Como se poderia conciliar o desafio ao novo com o respeito às individualidades?

O que mais se poderia fazer para restituir melhor o caráter de sinal aos votos religiosos?

Todas estas situações nos pedem um aprofundamento.

A identidade religiosa depende também de cada religioso, do modo pelo qual ele próprio dentro de sua dinâmica história consegue realizar a sua libertação dos ídolos e idolatrias históricas; depende também da força criativa interior de cada comunidade e Instituto. Depende também da fidelidade constante à graça que Deus dá em sua liberdade e amor.

BIBLIOGRAFIA

a) Documento do Concílio Vaticano II:

1. *Perfectae Caritatis*

b) Documentos da Santa Sé:

2. Paulo VI, Sobre a Renovação da VR segundo os ensinamentos do Concílio

3. Sagr. Congr. dos Religiosos e Inst. Sec., Critérios Diretivos para as Relações Mútuas entre bispos e religiosos na Igreja (1978)

4. Idem, Os Religiosos e a Promoção Humana (1980)

5. Idem, A Doutrina da Igreja sobre a Vida Religiosa (1983)

6. João Paulo II, O Dom da Redenção (1984)

c) Livros:

7. Jon Sobrino. *Ressurreição da Verdadeira Igreja*, cap. 10. Ed. Loyola, (1982)

8. Leonardo Boff. *Vida Segundo o Espírito*. Vozes, (1982)

9. J. Tillard. *Diante de Deus e para os Homens: V.R., Projeto de Vida*. Loyola, (1975)

10. Van KAAM, Adrian. *The Vowed Life*, Dimension Books, New Jersey, (1968).

ANEXO

Este texto anexo visa ajudar a boa compreensão do texto anterior. Explicita algumas idéias que tornam mais clara a distinção entre vida religiosa e outros estilos ou formas de vida. Espera-se que com essas explicações possam cair certas expectativas irrealistas em relação à comunidade religiosa, evitando-se com isso também certas frustrações. O texto segue, em parte, as idéias do livro de Adrian Van Kaam, *Personality Fulfillment in the Religious Life* (Dimension Books, New Jersey, 1969).

Há várias formas de participar na construção do mundo. Mas nem todas as formas são vividas de forma sagrada. O religioso célibe é chamado a ser relativamente livre do poder potencialmente destrutivo dos sistemas sociais podendo servir melhor à intencionalidade original das coisas, mesmo que esta liberdade possa significar menos promoção, status e popularidade. Enquanto algumas pessoas podem viver sua vida religiosa celibatária sozinhos, em geral todos, como pessoas comuns e não gênios nem santos, são mais capazes de vivê-la com o encorajamento, proteção e apoio de outros religiosos chamados também à realização do Reino de Deus.

Muitos escritores tradicionais dentro do cristianismo gostam de comparar a comunidade religiosa com uma verdadeira família, um grupo de irmãos e irmãs, o exército de Cristo, uma sociedade tipo empresarial, uma prefigura da Jerusalém Celeste. Ainda hoje há religiosos que pensam assim em uma ou mais destas formas. Contudo, a vida religiosa é algo de semelhantes comparações, mas não é nenhuma delas em separado.

Comunidade e família

Muitas pessoas comparam os membros de uma comunidade religiosa com os irmãos e irmãs de uma família. Irmãos e irmãs numa família têm necessidade de cuidado físico, educação, uma supervisão e atenção amorosa dos pais. Os pais protegem e preparam seus filhos de tal forma que num futuro sejam capazes de deixar a família e viver independentemente. Outro aspecto do ser irmãos e irmãs é o da similaridade de ambientes, herança cultural, certos costumes, modos de avaliar e apreciar, certos sentimentos e valores comuns. Quanto ao aspecto de cuidado protetor e mesmo aspectos semelhantes, a comunidade religiosa é o oposto de uma família. Idealmente, os membros da comunidade religiosa são homens e mulheres maduras que já se encontraram como modo de ser único e independente no mundo. E não necessariamente partilham os mesmos contextos familiares. Onde o estilo de vida da família é mais íntimo, desinibido e mutuamente dependente, o estilo de vida da comunidade religiosa aparece mais respeitoso e restrito. Na comunidade religiosa surpreende a individualidade de personalidades, interesses e capacidades.

O objetivo da comunidade nunca pode ser a comunidade em si mesma, ao passo que o objetivo da família pode ser ela mesma. O objetivo último da comunidade como comunidade é desaparecer quanto possível no contexto, permitindo que seus membros tenham maior liberdade para realizar o seu modo de presença religiosa na estrutura social onde foram chamados por Deus, dentro do carisma. A presença pessoal de Cristo em cada membro da cultura precisa crescer e a preocupação com a glória do Instituto deve decrescer. Tais situações e diferenças nos permitem ver a vida religiosa dentro deste contexto como voltada mais para a dimensão sagrada e permanecendo uma dimensão de meio quando se olha o aspecto comunitário como família.

Comunidade e amizade

Muitas vezes se pensa que a comunidade religiosa deva ser uma associação de amigos. Esta idéia fez com que muitas comunidades se escolhessem a si mesmos como membros que a compõem, tendo também presente os interesses comuns, a causa comum, pelo menos a nível consciente. Mas a comunidade parte de princípios diversos que os da amizade. A amizade é uma graça que não pode ser construída ou forçada. É um acontecimento raro que ocorre somente quando são preenchidas certas condições psicológicas sutis, como por exemplo, certa afinidade entre as pessoas que se tornam verdadeiros amigos. O religioso celibatário pode ou não ser agraciado den-

tro ou fora da estrutura religiosa, por este encontro com uma pessoa com a qual reparte certa afinidade. Mas de per si, os religiosos não formam comunidades à base de tais afinidades raras. Pelo contrário, a necessidade de levar adiante o evangelho de Jesus Cristo é enriquecida por diversidade de personalidades. Levar adiante sua missão pode significar uma incomum afinidade, e mesmo pouca afinidade. O que os religiosos têm em comum é o mesmo chamado de testemunhar a presença do Sagrado em algum aspecto da humanidade. E pode ser que os religiosos como pessoas não tenham em comum nada de semelhança psicológica e cultural. Por isso, este aspecto religioso permanecendo prioritário e claro, permite que se possa viver em comunidade mesmo com uma diversidade de carismas pessoais. Em geral esta privacidade aparece quando há um cuidado especial para que cada religioso tenha um lugar dentro da morada que lhe permita encontrar seu modo de ser presença diante do sagrado e rever mesmo como ele a testemunha diante dos homens. Muitas comunidades, por isso, respeitam isso através de quartos individuais, não abrir a correspondência... Hoje em dia, não supondo tal "direito" de cada religioso em ser ele e em se encontrar com Deus na privacidade, tentam implantar um modo demasiado comum de convivência, copiado do grupo de amigos. E com o tempo isso gera uma certa irritação geral, a qual, entre outras coisas, poderia vir desta necessidade pessoal não suficientemente respeitada.

Comunidade e empresa

É mais raro pensar que a comunidade religiosa é uma empresa, especialmente hoje. No entanto, algumas vezes, pode parecer que o modo de agir seja um tanto empresarial, apesar de não se aceitar isso externamente. Isso acontece tanto quando se quer que uma entidade se expanda e aumente sua influência dentro de uma estrutura maior, bem como quando a obra é pequena, e tenta impor o seu modo de ser aos demais. O objetivo da empresa está nela mesma, em seu bem: serve à sociedade e no processo se expande e enriquece a si mesma, ganha status e reconhecimento, e quando possível, se torna um poder dinâmico autônomo. A essência da comunidade religiosa é que não existe por si mesma ou para seu próprio nome ou influência, mas para o mundo. Por isso, a comunidade religiosa é IDEALMENTE indiferente à riqueza, status e poder; não luta por fama e reconhecimento.

Uma empresa tem poder sobre seus membros enquanto estão ali presentes dentro da empresa; fora dela são mais livres. Uma comunidade religiosa subverte a vida de seus membros impedindo-os de estarem amarrados a uma só tarefa. A libertação de sistemas culturais e sociais através dos três votos pode se tomar aparente em certas situações apostólicas. Antes que o religioso saiba bem o modo de ser uma presença junto às pessoas, sua vontade e seu propósito pode ser pervertido de tal modo que a organização pastoral ou cultural, missionária ou dio-

cesana é suas necessidades... praticamente já lhe ditam o que deveria ser feito por cada religioso.. Neste caso, o religioso célibe poderia bem tornar-se um padre secular totalmente inserido num sistema de zelo pastoral. Certamente os religiosos podem participar de tais trabalhos, mesmo em grande número, mas sempre sob a condição de que nenhum destes empreendimentos nunca domine totalmente a liberdade da comunidade religiosa. Nenhuma comunidade religiosa pode jamais ser identificada incondicionalmente com o trabalho ou o sistema externo e ainda manter sua liberdade como comunidade religiosa.

Comunidade e fraternidade

Olhar a vida religiosa como fraternidade é olhá-la a partir do que ela não é. Fraternidades estão primariamente interessadas em conseguir e educar para a união social. Mesmo que seja verdade que a comunidade religiosa deveria prover a possibilidade para a vida social, especialmente para aqueles que precisam desta forma de estar juntos mais do que os outros, é também verdade que a preocupação pela vida social nunca deveria se tornar central na comunidade religiosa. Demasiada proximidade social limita o desenvolvimento pessoal; a profundidade da vida de oração, o potencial de criatividade... pedem silêncio e recolhimento. Quando o estar juntos se torna o critério último e central, a comunidade cai facilmente numa mediocridade que afasta indivíduos mais maduros e que são mais dinâmicos

no sentido de reflexão e mesmo ação dentro da situação concreta onde vivem. Ora, o estar juntos sem ter também presente este aprofundamento dificulta uma busca mais profunda do melhor. Uma comunidade que coloca o estar juntos em primeiro lugar perverte ou distorce a meta da vida comunitária, e desestimula a busca de algo mais excelente. Um ajustamento superficial começa a dominar a vida da comunidade e produz mediocridade, que destrói o que deveria ser o maior empenho para o campo pessoal de realização e construção do Reino de Deus.

Comunidade e serviço humanitário

A comunidade não pode ser equiparada a uma associação de ações caritativas, humanitárias e sociais. Sem dúvida, cuidado social da população e participação na luta por justiça social são modos de servir à humanidade, mas não a única forma. Talvez uma das grandes tentações para interpretar erroneamente a diversidade das manifestações do Espírito numa comunidade religiosa é a tendência de um modo idealista de ver as coisas de alguns indivíduos, que podem sentir-se movidos a envolver os outros com os mesmos entusiasmos. É natural, que alguém expresse com entusiasmo aquilo que captou ser a sua missão. Mas é preciso compreender que a vida comu-

nitária impõe também a obrigação de respeitar a possibilidade de outras formas de manifestar a presença do Espírito de Deus. Não é sempre o melhor sugerir orgulhosamente que meu próprio tipo de servi-lo é mais santo do que qualquer outro. Neste caso cai-se facilmente nesta tentação, especialmente quando se está envolvido em questões sociais especiais, em missões muito tradicionais. Pode ser que haja verdadeiramente um chamado pessoal a um destes modos de serviço à humanidade. Mas é preciso estar atento contra a glória "demoníaca" que leva a desfazer ou a ridicularizar aqueles que não se sentem chamados ao mesmo serviço. Muitos padres diocesanos e leigos, grande número de religiosos podem sentir-se chamados a prestar estes serviços de modo temporário ou permanente. Mas não se deve esquecer que comunidades religiosas são em primeiro lugar e antes de mais nada grupos de homens e mulheres individuais entre os quais a liberdade pessoal de seguir a inspiração espiritual em obediência é a primeira e principal preocupação. Com isso se quer dizer que o elemento de discernimento pessoal é também importante quanto ao modo de presença a nível comunitário e institucional.

In ANUNCIAR, revista de comunicação da CRB — RS n.º 47, out. — dez. de 1984, p. 66-81.

O POBRE NA ESPIRITUALIDADE DA LIBERTAÇÃO

Pe. ROGÉRIO IGNÁCIO DE ALMEIDA CUNHA SDB

"Cria em mim, Senhor, um coração novo, e renova dentro de mim espírito firme".

(Sl 50(51).12)

UMA EXPERIÊNCIA DE ESPIRITUALIDADE

Depois de alguns anos de dificuldades e lutas, a irmã Clara 'conseguiu' partir para a inserção. Ela já foi provincial, mestra de noviças de quase todas as irmãs de sua Província. Já viveu o suficiente para ninguém lhe dizer que se prepare mais, que pense melhor, ou que a Vida Religiosa Inserida (VRI) é uma vida religiosa 'que não existe'. Já não faltam lugares na América Latina afora, onde basta a gente 'ir, ver' e 'ficar vencido'. Se é uma vocação especial, a irmã Clara a está vivendo há nove anos depois do 60.º aniversário... Entre as irmãs de sua província, desde as meninas de 20 até às de cinquenta anos escutaram de olhos arregalados os seus depoimentos num encontro recente, em especial quando uma noviça perguntou ao 'animador' do encontro (modéstia à parte, era eu), se esta história de "deserto programado" não é artificialismo formalista. Afinal, a oração tem que brotar da vida, e a expe-

riência de Deus não pode ser programada. Deus não marca horário, vem.

"As irmãs tinham ido dormir já de madrugada" — contava a Ir. Clara — porque o domingo de convivência com o povo não é mole. Contentes e bem rezadinhas, as três dormiam o sono das justas, quando ouviram, através dos buracos da parede de esteira que separam a 'casa' das irmãs e os cômodos onde vive a família que lhes aluga a moradia, barulho de vozes. De repente começou uma falação um vai-vém, gente que dá ordens, crianças que correm e, para cúmulo, às duas da manhã, berros insuportáveis de porco abatido a facadas. Quando o corre-corre acabou, as irmãs já tinham até levantado, rezado e tomado o café. "Dá prá rezar numa bagunça destas"? O que é que este povo tem que matar porco bem de madrugada, numa santa segunda-feira? E na segunda-feira seguinte, e na outra também, e mais uma...

Ninguém atinava bem com a coisa, até que um dia o barulho, pontual no início, tomou outro tom. A matadeira de porco nunca chegava, e o grito esganado da vítima era substituído pelo xingatório da família: "Como é que vamos chegar a tempo no mercado, com os pedaços já cortados e salgados?" Nesta manhã as irmãs rezaram bem diferente. O problema não era a morte do porco, mas a vida do povo. Elas rezaram naquela madrugada, o viver de uma família que se arranca da cama de madrugada, para poder viver a semana inteira. Conversaram com a vizinha e começaram, também as irmãs, a participar do ritual da segunda-feira de mercado. E aprenderam a rezar num horário novo, rezar uma vida para elas 'nova', mas tão antiga quanto as necessidades básicas do homem. Aprenderam a participar, levando elas também para casa um pedacinho de rabada, mocotó, toucinho — aprenderam a criar um coração novo, um espírito decidido, firme não por obra de horários e fórmulas, mas pela dura disciplina da 'comunhão e participação'.

Deus não veio no horário marcado, marcou o horário ao vir.

As irmãs não experimentaram a Deus na oração, mas rezaram na experiência do Deus-que-caminha na vida do povo. Aprenderam uma nova oração, um novo ritmo de vida, um novo Deus, o Deus 'do pobre' (1).

A vida do Pobre respinga em quem dele se aproxima, colore a quem o busca, enxarca quem o convive, arrebatada quem com ele condive o

tempo, a vida, o suor, a luta. A 'ternura e vigor' de Domingos, de Francisco, Vicente, Clara não nasceram na disciplina da meditação, mas enraizaram a oração profunda no rude solo arcaico e sempre novo da vida que o Pobre a cada dia arranca das garras do sofrimento e da morte. A vida 'do pobre' torna-se, na inserção, o deserto fecundo, a verdade que vence, a vocação especial que desafia a toda a Vida Religiosa deste final vertiginoso de século.

Aconteceu muita coisa. Muita coisa aconteceu muito. Esta "aconteceção" acordou muita gente no meio da noite, arrancou muita comunidade da modorrinha pré-fabricada de uma espiritualidade de mesa de sinuca, em que uma tacada caçapa uma bola e prepara direitinho a tacada seguinte. Terminado o breviário de hoje, o santinho do fundador já fica direitinho na 'hora' seguinte. Desculpem-me tratar com esta intimidade o breviário que já convive comigo há quase um quarto de século, a quem chamo ora de 'maquininha de rezar', ora de 'mamãe', ora de minha cruz, ora de meu irmão. Uma obra recente de G. Gutiérrez me ensinou a rezá-lo como quem 'bate o sarilho' para "Beber no próprio poço". (2). Como aquela comunidade que, nos passos de Ignácio de Loyola, rezou a matança do porco em vez de irritar-se com ela, acabei, depois de algum tempo de rebelião filial contra o que muitos padres chamam de 'sogra', por 'rezar' aquela inquietação desconfortada provocada pela récita formal de orações lindas, programadas. (3). O viver 'do Pobre' irrompe de re-

pente na vida da gente. impõe o horário de Deus.

A REFERÊNCIA FUNDAMENTAL: O POBRE

Na América Latina já é impossível viver sem ter de alguma maneira uma referência positiva ao pobre. Acho até que é cristãmente ilegítimo. Esta referência é chamada de 'Opção preferencial pelo Pobre'. Esta expressão é interpretada de maneiras muito diferentes, mas ao menos este ponto essencial é reconhecido: 'o Pobre' não pode ser ignorado, e tem que ser levado em conta, de maneira preferencial.

Entretanto, esta referência ao Pobre não é única, porque são muitas as maneiras como 'o Pobre' penetra no mais íntimo da sociedade, da vida cristã e da vivência consagrada no 'seguimento a Jesus Cristo'. Na sociedade, o pobre entra de maneira incômoda, irritante, sua presença é sinal de que a sociedade não funciona bem, e a solução dos problemas que ele cria exigem uma nova organização da vida social e política. Ele incomoda, irrita, desafia e exige transformação social. Na Bíblia especialmente, 'o Pobre' é o estrangeiro, o órfão, a viúva, aquele que carece de todo apoio econômico e social, e por isto não pode conviver com os outros, como o cego, o coxo, o mudo, o surdo e o leproso. No novo Testamento esta concepção de 'o Pobre' é retomada para fazer dele o destinatário privilegiado da mensagem, o sinal do advento do Reino, da chegada 'daquele que há de vir',

a pedra de toque da acolhida do Reino. Por causa dele, Jesus é rejeitado, tido como marginal, mas invectiva contra os detentores de poder religioso, econômico ou social (4).

A VR pode ser compreendida como uma tentativa de aprofundamento da vida cristã como seguimento a Jesus Cristo. Não é fácil dizer hoje em que consiste realmente este aprofundamento. O certo é que o religioso se consagra, e aí está uma diferença mais menos palpável. Dentro da vida consagrada, tal como se apresenta hoje, a presença do pobre tem significado um desafio muito grande. Chamo de VRI (Vida Religiosa Inserida) a maneira de enfrentar este desafio que se manifesta naquelas comunidades de consagrados que **convivem** com os pobres.

A palavra 'conviver' com os pobres tem aqui um sentido bem amplo, e significa fundamentalmente que a vida da gente está bem próxima da vida do pobre. Nós não o vemos de longe, nem apenas falamos dele ou nos preocupamos com ele. Nós o sentimos perto, estamos todos os dias perto dele e procuramos aproximar-nos ainda mais. Chegamos a viver as mesmas preocupações que ele, a fazer nossas suas situações de vida e as preocupações que o afligem. O livrinho 'Como trabalhar com o povo', de Clodovis Boff, resume em cinco as maneiras de fazer isto, as maneiras de conviver com o pobre, de 'se inserir' no meio popular: o acompanhamento de suas preocupações e condições; o

morar em ambiente de pobres, favela ou bairro popular; o viver de um trabalho próprio de trabalhador pobre, na cidade ou na roça; o engajar-se nas lutas populares; a assimilação cultural. Agora nos interessa apenas mostrar que a VRI é uma forma nova de vida consagrada que existe, que é muito concreta e atual, e torna visível e quotidiana uma espiritualidade vivaz e profética.

Da condição consagrada nasce a exigência de uma espiritualidade. Da convivência com 'o Pobre' nascem as características desta espiritualidade cristã. Entretanto, é tempo de explicar porque falo, às vezes, simplesmente do pobre, e porque uso às vezes a expressão 'o Pobre'. Uso o termo simplesmente, quando não há razão para dar ênfase, por estar falando principalmente de alguma outra coisa. Uso a expressão 'o Pobre' quando quero indicar esta raiz histórica da espiritualidade da VRI, ou seja, 'o Pobre' enquanto fonte de profecia e carismas.

Ponto de partida e referência absolutamente necessário para se compreender o pobre, é a carência de bens econômicos necessários à manutenção de um nível digno de vida humana. Sem partir daí, o termo pobre, assim como o conceito de pobreza, torna-se ambíguo e se corre o risco de se falsificarem as coisas (5).

POBREZA É EMPOBRECIMENTO

Entretanto, a pobreza não é simplesmente a carência. Muitas vezes

falamos em pobreza 'material' ou 'econômica', porque os elementos de que as pessoas pobres carecem são elementos materiais ou econômicos. Acho que isto não está certo, principalmente porque, na discussão sobre a pobreza, esta expressão é usada para afirmar que a pobreza de que fala o Evangelho, ou os pobres pelos quais Puebla faz uma opção preferencial, ou ainda os pobres que Deus ama de um amor especial, não são os 'materialmente pobres', mas os 'espiritualmente pobres'. Parece-me que esta é uma maneira errada de ver e conceber as coisas, especialmente porque os dois conceitos aparecem totalmente distorcidos e falsificados. Como corrigir esta distorção?

O mundo em que vivemos é todo marcado pelo ser humano. Especialmente nas cidades, tudo é marcado pela passagem do homem. Mesmo quem vive na roça ou no fundo de uma aldeia indígena é marcado até pela própria civilização industrial politizada, mas bem para além disto podemos dizer que é o homem quem marca o mundo, e faz com que o mundo das coisas, das criaturas, seja um mundo humano, um mundo do homem. Quando as coisas marcam o homem, elas fazem com que o homem seja homem de um determinado jeito humano. Quando o homem marca as coisas, ele faz com que elas existam para o homem, com que o mundo seja um mundo humano. O homem se utiliza das coisas, das criaturas não humanas para tornar-se mais homem, mas as coisas não se utilizam do homem. O homem faz do mundo material um mundo

'do homem', um mundo humano. Não são as coisas materiais do mundo físico que fazem do homem um ser físico, meramente material. O homem em sua consciência é quem determina as coisas, não o contrário.

Assim, não é justo chamar de 'material' a carência de bens materiais. Em primeiro lugar, porque é o homem que marca as coisas, não o contrário. Em segundo lugar, porque estamos falando de 'carência'... a pobreza consiste exatamente em não se ter tais coisas. Se bens materiais e econômicos podem materializar a alguém, então haverão de materializar a quem os possui, não a quem não os possui. Então, o que é a 'pobreza'?

Já temos certeza de duas coisas: é a partir da carência dos bens econômicos e materiais necessários à dignidade humana que se pode compreender corretamente a pobreza; além disto, no centro desta compreensão tem que estar o homem, a pessoa humana, não o conjunto das coisas. Assim, não vamos compreender o que é a pobreza a partir das coisas que o pobre não possui, mas sim a partir do homem que passa carência destas coisas. O não possuir, o fato de não se ter, deixa de ser meramente econômico quando assinalamos que as coisas são necessárias para a dignidade humana. Carência é isto: falta de coisas necessárias porque devidas. A carência também deixa de ser material quando afeta a uma pessoa humana naquilo que ela tem de mais espiritual, a sua dignidade divina de imagem e semelhança de Deus.

Por isso é que falo de pobreza como sendo a **condição** das pessoas que sofrem a carência de bens materiais e econômicos. O pobre é uma pessoa humana.

Ser pobre é pois, um jeito de ser homem, é a maneira que aquelas pessoas, que passam carência, encontram para se realizarem: 'pobre vive de teimoso'. 'O Pobre' é a pessoa humana que vive nesta condição especial de não ter o que é necessário e devido, mas realiza a todo custo o que Deus lhe dá de mais característico. Ora, o homem é sempre um ser espiritual. O espírito que o anima está em todas as suas ações e invade todo o seu ser. Não há uma só parte do homem em que não esteja presente o seu espírito, e até mesmo as ações mais materiais são iluminadas pelo espírito quando a consciência se ascende e desperta.

Por outro lado, o espírito humano é condicionado pelas limitações do mundo material em que se torna presente. O exemplo acima acenado de Sto. Ignácio ilustra bem este condicionamento, assim como esta iluminação. Por isto, não acho justo nem bom dizer que a pobreza é 'material', mas prefiro dizer que a pobreza é a condição de vida humana de certas pessoas. E a condição de vida de um homem inclui sempre o espírito. É dentro de condições de carência econômica e material que os pobres tentam ser gente, tentam viver, tentam afirmar-se.

Aqui vem o último elemento importante para se compreender quem é 'o Pobre', a partir de quem, fa-

laremos da espiritualidade: 'o Pobre' tenta ser gente, tenta viver, mas os condicionamentos históricos o impedem. O "pobre sempre os tereis" quer nos chamar à responsabilidade histórica de que estaremos sempre impedindo alguém de ser gente e viver, e deveremos estar portanto, sempre atento a cuidar do corpo do Cristo... Não é a nossa vontade individual e atual que impede alguém de crescer e viver. É a condição humana, que podemos mudar, mas que não depende unicamente do que queremos, nem mesmo do que podemos fazer.

A falta de terra impede o agricultor e o bóia-fria, assim como o posseiro e o favelado, de viverem. A falta do que comer, de onde dormir, encontrar-se com os outros, de onde repousar a cabeça, impede o pobre urbano de levar uma vida 'de gente'. O autoritarismo elitista impede os pobres, simples, ignorantes, incultos, de exercitarem socialmente a sua consciência, os seus direitos e deveres humanos.

A pobreza compreendida a partir do 'Pobre' é portanto a condição humana de pessoas que vivem numa carência imposta de bens necessários à dignidade humana de vida. É a condição dos empobrecidos. É o empobrecimento como condição imposta "às grandes majorias dos povos latino-americanos" (Puebla 1135, 1159 e outros). 'O Pobre' é uma imensa multidão: — 2 em cada 3 latino-americanos são impedidos de realizar a sua dignidade humana por causa da carência de bens materiais e econômicos.

ESPIRITUALIDADE DO "POBRE"

Há certamente várias coisas a se esclarecerem e discutirem no conceito de 'Pobre' e de 'Pobreza' que acabei de expôr, mas esta discussão não é o objetivo deste artigo. O que esta condição, importa a tantas pessoas, tem a ver com a vida religiosa, com a espiritualidade da libertação?

Há aqui uma segunda ponte a se fazer: para falar da espiritualidade da libertação comecei falando da VRI como concretização de uma espiritualidade nascida do 'Pobre'. Que relação há entre 'a libertação' em geral e a VRI? Parece-me que a VRI é a tentativa de se consagrar a Deus na luta do pobre contra a pobreza como condição historicamente imposta. Na VRI se torna concreta uma coisa importante: se a pobreza fosse aquela qualidade espiritual tão bonita de que se fala quando se usa a expressão 'pobreza espiritual, pobreza religiosa', não haveria necessidade de se lutar contra ela, mas sim teríamos que converter a ela tanto os ricos quanto os pobres. Se fosse apenas uma carência, bastaria distribuir bens em abundância, e a riqueza seria um remédio para os problemas dos pobres. O que dificulta tudo é a questão da 'condição historicamente imposta'. Porque esta imposição historicamente imposta significa que a pobreza é causada pela riqueza da sociedade. A riqueza não remedia mas produz a pobreza.

Ora, a nossa sociedade capitalista faz da busca da riqueza a corrida e idolatria do lucro — a espinha dor-

sal da própria ordem social e política. Lutar contra a pobreza imposta significa lutar contra a ordem social e política dos países capitalistas em que vivemos. Acontece que nós fomos formados a viver obedecendo a ordem sem questioná-la. Nesta visão, a ordem é boa simplesmente por ser ordem, mesmo se é injusta e imposta. Lutar contra a ordem é, para muitos de nós, ainda, um pecado. A VRI vem dizer exatamente o contrário. Só pode ser consagrada a Deus, com voto, uma coisa ou uma atitude boa inegavelmente boa (é o que aprendemos desde o noviciado). Na VRI consagramos a Deus a luta do Pobre contra a pobreza historicamente imposta, consagramos a Deus uma luta solidária dos que se colocam ao lado do pobre, convivendo com ele. A VRI é um carisma com que Deus autentica a luta cristã contra a injustiça econômica, social e política, imposta como justiça (6). A VRI consagra, torna sagrada a luta contra os ídolos econômicos, ideológicos e políticos da sociedade capitalista.

Podemos, pois, dizer que O GRANDE EIXO DA ESPIRITUALIDADE DA LIBERTAÇÃO É O POBRE, DE QUEM DEUS É O PADRINHO. Do antigo Testamento tomamos emprestada a certeza de que Deus é aquele que resgata 'o pobre'. Ele é seu "goêl", aquele que tem por obrigação o papel de ser "salvador, redentor, libertador, defensor, protetor, advogado, consolador, vingador" do 'Pobre'. Fr. C. Mesters afirma além disto: "Nos escritos de Isaías Júnior (Is 40-66), 'goêl' é um dos títulos mais freqüentes de Deus. Deus é o

'goêl' do seu povo: ele salva, redime, liberta, resgata, defende, protege, consola, faz renascer (Is 41,14; 43,14; 54,5; 63,16 etc.). Deus é o 'padrinho' de seu povo!" (7). Deste mesmo comentário aprendemos que Boas — o parente de Noemi que acolheu a Rute — teve como principal motivo para resgatar a jovem Moabita, o fato de ela ter assumido com a sogra um compromisso, pelo qual largou casa, povo e religião, e passou a fazer parte da caminhada do Povo de Israel. Na narração, o rico e poderoso parente é uma figura do próprio Deus, que se deixa cativar e apaixonar pela que se fez pobre por compromisso, e viveu no compromisso a privação, para vencer com a sogra as privações:

"Fui informado de tudo o que você fez por sua sogra depois da morte do marido dela. Você deixou pai e mãe. Deixou a terra onde nasceu. Veio para um povo que você nem conhecia. Deus lhe pague em dobro tudo o que você fez! Receba uma farta recompensa das mãos do Senhor, Deus de Israel, pois foi debaixo das asas dele que você veio buscar amparo" (Ruth 2,11-12).

O rico fazendeiro teve, pouco depois, a possibilidade de se apoderar das terras da sua parenta. Ele renunciou a este privilégio, oferecendo-o a um parente mais achegado, que teria o direito, segundo a lei. O tal parente (do qual o livro nem dá o nome) aceitou a terra, mas já não a quis, ao saber que teria que tomar também a responsabilidade pela viúva Moabita. Ele queria se enriquecer

sem ter que sustentar a desamparada. Boas, ao invés, acolheu-a, deu-lhe descendentes para que pudesse continuar na posse da terra. Boas resgatou assim a Rute por ser pobre e por correr o risco de ser expoliada, e lhe deu descendência própria. Ele mesmo, Boas, não ganhou nada com o negócio.

Encontramos, assim, os elementos que já vimos como distintivos 'do Pobre': a carência historicamente imposta, fruto de uma estruturação social aproveitada como instrumento de exploração, e luta contra a carência, a exploração, a organização social do empobrecimento.

No Novo Testamento, Deus não se faz apenas o resgatador, Padrinho, mas se faz ele mesmo 'o Pobre', na pessoa do Verbo encarnado. S. Paulo recolheu para nós o antigo Hino Cristológico, segundo o qual o Verbo encarnado, à medida em que ia percebendo os próprios privilégios, a própria condição de Deus feito homem, renunciava 'a própria condição divina', sem considerá-la propriedade privada. Ele assumiu assim, um a um, os limites históricos da existência humana, desde o nascimento na condição de migrante — seus pais eram obrigados a uma viagem ditada unicamente pelo desejo imperial de conhecer e impôr os limites do próprio poderio —, até a carência de 'uma pedra sobre a qual repousar a cabeça'. Lutou com as palavras e com os fatos contra os que impunham ao povo as rédeas do poder econômico, social, político e religioso. E esta luta lhe rendeu mais exploração ainda, até que foi

preso, denudado, premiado com a morte decretada aos escravos que escolhiam a liberdade, a morte de cruz. (8). Parte desta luta foi o impor-se a tudo o que 'aprisionava' os filhos mais queridos de Deus: Se vocês libertam até um burro no dia consagrado ao Senhor, porque é que eu não posso libertar esta filha de Deus? (v. Lc 13,10-17).

Afirmar, mais acima, que 'o Pobre' é a fonte da espiritualidade da libertação, e é o grande eixo desta mesma espiritualidade. Figuras e símbolos que significam mais ou menos a mesma coisa: é 'o Pobre' que orienta o cristão — mesmo o cristão consagrado — em direção ao Espírito. No 'Pobre', em sua luta pela sobrevivência, manifesta-se a ação contínua de Deus, que é Pai de todos, mas que ama o 'Pobre' com um amor especial, e é o seu Padrinho.

Assim, esta espiritualidade NASCE DO SEGUIMENTO A JESUS CRISTO NAS EXPERIÊNCIAS QUOTIDIANAS QUE A GENTE VIVE AO PARTICIPAR DA LUTA DO POBRE pela sobrevivência, pelo crescimento humano e pela libertação integral de todos. A origem desta espiritualidade, sua única razão que se manifesta historicamente, é o Espírito de Deus que se torna historicamente atuante entre nós, como o JAHWEH que guiou o seu povo peregrino, o EMMANUEL, Deus-conosco. Santo Irineu, no 'Adversus Haereses' afirmou que "A glória de Deus é que o homem viva" (9).

O "POBRE" E O RICO

Nisto é que o desejo mais profundo do Pobre se identifica com o desejo mais profundo do 'Pobre': o que queremos é ser gente! Esta expressão quotidiana de quem se aperta na fila, dentro do ônibus, diante do relógio de ponto, ou à espera da bôia, da ficha do INPS, esta expressão doída de quem choraminga à beira da barrela apodrecida que corre na rua ou na reunião da Associação de Bairros, é índice de uma realidade trágica e desumanizante. Antes de ser gente o pobre é 'Pobre', empobrecido por uma estrutura social de injustiça que se impõe como lei. O salário pouco, o emprego negado, a terra arrancada, o ar poluído, a água apodrecida, o lixo amontoado, a negativa de entrada e participação, tudo isto retira ao pobre as possibilidades de se relacionar de igual para igual com a sociedade que o circunda e impacta. Ele é desvestido, denudado, negado: o pobre tem que se compreender como aquele que não tem, não participa, não sabe; o negro tem que se compreender como o que não é branco, o índio como o que não é autônomo nem idôneo a mulher como aquela que não é homem, o jovem como aquele que não é adulto. 'O Pobre' é o negado, desvestido de tudo aquilo de que o rico, o participante, o que tem acesso à cultura, o membro da sociedade, se reveste. Por força, 'o Pobre' é obrigado a se encontrar na pureza original de ser gente, e nada mais. Nele se desmascara que o rico é o rei nu: pensa estar vestido, e todos os que acreditam na mentira acreditam que ele tem dignidade porque

se veste bem, que tem Fé porque fala bem, que tem caridade porque dá de seu supérfluo, impera sobre o povo e se faz chamar de benfeitor.

O rico acha que ajuda o pobre dando-lhe riquezas, mas acusa de ganancioso o operário que luta por melhor salário. O rico reconhece que a carência atenta contra a dignidade humana, mas acha que ele, o rico, tem esta dignidade porque anda bem vestido e freqüenta escola, tem fino trato e participa do poder político. Antes de ser gente, especialmente nos países capitalistas, o rico empobrece o pobre, porque é o beneficiário da riqueza saída do trabalho dos que ganham sempre menos. Ser rico é aliás enriquecer-se, assim como ser pobre é ser empobrecido. E a riqueza endurece o rico. Colore-lhe de escamas os olhos e o faz crer que 'gente' é quem 'tem', quem 'sabe', quem participa no 'poder'. A riqueza faz crer que a pobreza é um problema a ser resolvido com riqueza, saber e poder. E é considerado — melhor, desconsiderado — como pobre aquele cuja riqueza não tem valor na sociedade, cujo saber não é reconhecido, cujo poder não tem peso nas decisões.

Esta visão do rico e 'do Pobre' pode despertar em alguém a rejeição baseada na impressão de que se despreza o rico para exaltar 'o Pobre'. Esta observação é muito séria. Ela aponta para o risco, real e vivido por muitas pessoas engajadas na luta pela libertação, de fazer do pobre um mito, em força do qual se desprezam as pessoas ricas. Qual a razão de ser e os limites desta compreensão do pobre e do rico?

A razão de ser é que o conceito de 'pobre' supõe duas coisas importantes. Em primeiro lugar, é um termo comparativo e correlato. Falar do pobre é compará-lo com o rico sob algum aspecto, e é, portanto, definir pelas avessas o que é o rico. Toda comparação tem um 'meio de comparação'. Este meio de comparação é que vai definir a ambos. Assim, se uso o termo pobre/rico tomando como meio de comparação a capacidade de raciocinar, a inteligência, chamo de pobre a quem dela carece, de rico a quem a tem em abundância. Se uso como termo de comparação a presença de vigor físico, chamo de pobre ao que não tem força, de rico o que a tem. Se o termo de comparação é presença de valores espirituais, chamo de pobre o que carece dos valores do espírito, de rico o que os tem em abundância. Assim, na sociedade capitalista em que vivemos, julgo de essencial importância tomar como meio de comparação os bens materiais e econômicos necessários à sustentação de uma vida humana digna. Chamando de pobres os que não os têm, estou chamando de ricos os que os têm.

Em segundo lugar, o conceito descrito acima é histórico e estrutural. A pobreza do pobre assim como a riqueza do rico não são frutos de um desenvolvimento natural de qualidades inatas: não é como o abacate que nasce do abacateiro e não da mangueira, nem é como a casca dura e espinhenta da paineira, diferente do caule delicado da rosa. Corrigir ou mudar o que uma planta produz, significa tentar modificar a natureza específica da planta (fazer do

abacateiro uma mangueira ou da rosa uma paineira), ou mudar de planta (arrancar uma árvore e plantar outra).

Estas duas observações apontam para certas possibilidades abertas pelo conceito descrito acima, e para alguns de seus limites. Vamos enumerá-los brevemente.

Para ser o que é, uma fruta não precisa ser comparada com outra. Banana é banana, e não tem nada a ver com laranja ou jaca. Se o conceito de pobre e de rico indicam uma comparação, e se têm que andar sempre juntos, como o lado direito e o esquerdo, o lado de dentro e o de fora, o encima e o abaixo, o prá frente e o prá trás, é porque isto é necessário para evitar um risco muito concreto. Vou dar um exemplo antes de dizer qual é este risco.

Há alguns anos um colega alemão me pediu para fazer entrevistas com trabalhadores brasileiros de fábricas alemãs. Passei uns seis meses fazendo e repetindo entrevistas, perguntas e depoimentos. Alguns companheiros da Mannesmann afirmaram duas coisas bem graves: que esta firma tem lista 'negra' de operários que não devem ser admitidos nem por ela nem por outras firmas, porque fazem trabalho político; que a firma coloca na comida um pozinho que enfraquece os homens na sua virilidade. As entrevistas foram publicadas lá na Alemanha, uma professora usou o texto na aula de educação cívica, os alunos dela escreveram para a direção da fábrica, perguntando se é justo a fábrica fazer isto. Is-

to acendeu uma briga que acabou chegando aqui. Veio televisão, veio gente da fábrica, deu enorme confusão. Pouco depois vieram aqui alguns conhecidos meus, entre os quais a tal professora, e nós fomos conversar com os diretores da MW de Belo Horizonte. A discussão foi muito dura e franca, porque os Alemães têm como comportamento cultural uma franqueza muito diferente do 'jeitinho' brasileiro que esconde as verdades e adoça as porretadas.

Entre outras coisas os diretores me acusaram de estar inventando mentiras, e espalhando calúnias. Eu respondi que as coisas ditas não eram mentiras, nem era eu quem as estava dizendo, mas que eram afirmações dos trabalhadores. Além disto não estava espalhando calúnias, mas colocando, numa obra de estudo, o que já era convicção mais que espalhada entre os trabalhadores (as entrevistas foram publicadas como capítulo de um volume onde outras 10 ou 15 pessoas publicaram estudos, reflexões e análises). Aí é que eles disseram uma coisa que nos interessa aqui: para dizer a verdade eu deveria ter entrevistado a eles — os diretores — e não aos trabalhadores. Eu deveria ter pelo menos conversado com eles, a fim de que me explicassem a verdade. Aqui está uma primeira coisa: na sociedade capitalista em que vivemos, a verdade é feita pelos ricos quando dizem a sua maneira de ver a realidade e quando a publicam. Esta verdade feita pelos ricos e poderosos se torna então certeza de todo o mundo. E esta verdade não precisa nem deve ser comparada com o que

dizem e com o que podem publicar os pobres, no caso, os trabalhadores da fábrica maior de Belo Horizonte.

Mesmo procurando dizer a verdade dos trabalhadores, eu tinha que ter um cuidado. Aquela história do pozinho é evidentemente uma questão ambígua e eu seria ingênuo se acreditasse nela sem mais. Entretanto, ela revela algo muito mais grave. Suponhamos que a alimentação na fábrica seja a melhor e mais nutritiva, realmente pura e saudável. Nas entrevistas os trabalhadores confirmavam sempre mas a fraqueza. Isto queria dizer que as condições de trabalhos na fábrica (barulho, poeira, gases, temperatura, pressão psicológica, ritmo de trabalho) são tais que as qualidades alimentativas da refeição não são suficientes nem para manter o vigor inicial dos trabalhadores. E isto é muito mais grave que a eventual colocação de um pozinho. Mas os trabalhadores, em sua elaboração da 'verdade', não têm instrumento culturais para perceber e explicar o que vivem.

Assim, a comparação do pobre e do rico, tendo como meio de comparação a maneira como explicam o que acontece, me ajudou a evitar o risco de aceitar ingenuamente tanto a 'verdade' do rico patrão, quanto a afirmação dos operários pobres. E para isto eu tive que consultar a sociólogos, psicólogos, médicos e nutricionistas, assim como pessoas ligadas à produção e análise dos alimentos fornecidos na cantina.

É bom acenar aqui, de passagem, que este tipo de comparação se cha-

ma hoje em dia 'crítica ideológica', pois é a 'ideologia' que faz com que todos considerem tranquilamente verdade uma coisa que às vezes não o é. Falar em ideologia significa também afirmar que, 'evidentemente', para o diretor da fábrica era proveitoso fazer reconhecer como verdade o que ele diz, e para os operários, o pozinho os ajudava a compreender a situação. A Ideologia serve para manter um poder ou compreender uma situação social na qual se está envolvido.

A OPÇÃO PELOS POBRES

Mas há outros aspectos. Se o rico fosse abacate e o pobre bananeira, eu arrancaria o abacate no momento em que ele não me serve, para plantar bananeira. Fazer opção pelo pobre significaria desprezar o rico, abandoná-lo, excluí-lo da salvação ou da mensagem cristã. Lutar pela libertação significaria tentar eliminar os ricos e colocar no lugar deles os pobres, ou pelo menos empobrecer os ricos e enriquecer os pobres. Já ouvi centenas de vezes cada uma destas observações, e acho sempre mais importante levá-las a sério, porque são erradas demais — são como a questão do pozinho. Há uma verdade qualquer, escondida neste erro, mas o erro não pode continuar por aí, simplesmente.

É para examinar isto, que a pobreza/riqueza (tendo como meio de comparação os bens materiais necessários à vida humana) precisa ser considerada de maneira histórica e estrutural. Ambas são frutos de

uma história humana que, produzindo uma produz também a outra, ou melhor, produz uma através da outra. Ambas são posições determinadas dentro de uma estrutura social que não depende nem da bondade, nem da piedade, nem da personalidade de cada um.

A pobreza é, assim, fruto da história, não da natureza. Ela pode ser mudada, ainda que não imediatamente. Porque a história é o fruto de ações humanas conscientes e relativamente constantes. O que acontece hoje, no Brasil, foi cozinhado durante vinte e um anos. O que acontece hoje não é fruto do que queremos hoje fazer, mas se armou lentamente no conjunto do que os brasileiros foram querendo fazer ao longo de duas décadas. Alguns conseguiram impôr sua vontade à dos outros. O que estes outros procuraram, acabou cavando um caminho que é marcado pela situação anterior, ainda que seja um caminho de saída. As situações humanas não são naturais como uma planta que é o que é mas são políticas, ou seja, são situações feitas pelos homens que agem dentro delas. E a história humana não apenas pode ser mudada, mas é uma mudança contínua. Não pode ser mudada hoje, nem de hoje para amanhã, mas mudará depois de amanhã se tivermos começado a construir ante-ontem o caminho da transformação. Dizer história significa dizer responsabilidade pessoal, individual e coletiva, pelo que acontece com os homens. O meu confessor não é culpado pelos meus pecados, nem pela dor de barriga que minha gula provocou. Mas ele é

responsável pelo meu pecar e pela minha saúde.

Assim, mesmo no interior de uma comparação, enaltecer 'o Pobre' não significa desprezar o rico, chamá-lo de explorador, maldoso, ímpio, ateu, avarento ou perdulário. Os Bispos reunidos em Puebla, ao redigir o n.º 1142, no capítulo da Opção preferencial pelos pobres, bem que perceberam isto. Eles dizem que, 'só pelo motivo do compromisso de Cristo com os mais necessitados', "os pobres merecem uma atenção preferencial, seja qual for a situação moral ou pessoal em que se encontrem."

Uma coisa é a posição estrutural em que as pessoas se encontram, e pela qual são responsáveis historicamente como pessoas e como sociedade. Outra coisa são as qualidades pessoais e individuais que as caracterizam. Na sociedade capitalista, a riqueza é produzida pela busca do lucro — anteriormente e independentemente de toda conotação moral e ética que isto venha a ter —, e é rico todo aquele cuja posição social o torna beneficiário da riqueza criada. Na sociedade capitalista, a riqueza criada não pertence àquele que trabalha para criá-la, mas àqueles que fazem parte do grupo social das pessoas que têm a posse privada dos instrumentos usados para criar a riqueza. Os instrumentos usados para criar a riqueza são principalmente as fábricas, as máquinas e a terra. As posições estruturais na sociedade capitalista não são marcadas pelo trabalho, mas pela posse e propriedade privada dos meios

de produção — note-se, de passagem, que nesta tipo de estrutura, a terra fica reduzida a mero instrumento de produção.

Aqui está o coração da 'riqueza' no sistema capitalista em que vivemos historicamente, numa determinada posição estrutural: — a propriedade privada dos meios de produção, a pertença ou não ao grupo de pessoas que detêm esta propriedade. Dá para perceber que 'optar pelos pobres' significa realmente ser mais amigo dos pobres que dos ricos, colocar-se mais próximo deles que dos que são beneficiados pela riqueza produzida, mesmo se não são pessoalmente proprietários. O nosso problema, de religiosos, é que nossos conventos, colégios, hospitais, paróquias, se aproximam muito mais dos que são os ricos, que dos que são pobres.

Preferir os ricos e deixar os pobres lá fora, colocar os ricos nos primeiros bancos, abrir-lhes as portas dos colégios, chamá-los para decidir dos problemas da paróquia, é muito natural hoje em dia. Ninguém levanta a voz dizendo que estamos com isto eliminando, rejeitando, excluindo os pobres. Afinal, não foram eles que deram os bancos para a Igreja, não são eles que podem pagar a matrícula, eles não têm a cultura suficiente para reconhecer, analisar e resolver certos problemas. É o que se diz, com coração individualmente puro, sinceramente convicto da 'verdade' social. Quem prefere os pobres parece então eliminar, rejeitar e excluir os ricos e corre o risco de realmente fazê-lo.

Chegamos, assim, a uma terceira afirmação a respeito da espiritualidade 'do pobre':

É UMA ESPIRITUALIDADE DE LUTA, MAS NÃO É PURA E SIMPLEMENTE LUTA. A nada mais aspira que à paz de ser gente, à paz de crescer, à paz da **COMUNHÃO E PARTICIPAÇÃO** de todos em Cristo.

É realmente a espiritualidade que aparece num primeiro momento como a do profeta brigão, cabeçudo e denunciador, Um sujeito cheio de "paixão" ("pathos"), "que anuncia e denuncia", "que arranca, destrói, edifica e planta" (10), um sujeito ranzinza, de quem a gente corta a cabeça, mas volta; um pobretão de dedo em riste, perseguido mas compelido e possuído pelo Espírito, intérprete da crise, mas livre na vida e na palavra. Um homem do concreto.

E, na sociedade capitalista associada, dependente que é o Brasil deste fim de século XX, o concreto é que o sistema que cria a riqueza procurando o lucro, produz a pobreza e a miséria quando fabrica os bens econômicos para serem possuídos por quem já possui. A riqueza não é apenas uma porção de coisas, é um sistema de produção que termina sendo causa da pobreza. A riqueza produz a pobreza. Concretamente, não é enriquecendo os pobres neste sistema que a gente vai resolver o problema. Nem muito menos enriquecendo uns e empobrecendo outros.

A luta pela libertação não é uma luta apenas ou principalmente eco-

nômica. Ela é luta política porque afeta a maneira como a sociedade é organizada. Ela é luta social, porque afeta a maneira como as pessoas se comportam e se relacionam. Ela é luta cultural, porque atinge o que as pessoas pensam, a maneira de verem e conceberem a verdade. Ela é luta histórica, porque feita da conjunção de muitas vontades ao longo do tempo e da caminhada de uma nação.

Ora, os pobres são politicamente privados do poder, socialmente excluídos da convivência, culturalmente impedidos de saber, historicamente mantidos à margem, numa posição sempre mais desfavorável.

A luta pela libertação no Brasil, que passou também pela tentação — pela fase histórica — da luta violenta e armada (como é violenta e armada a injustiça que se impõe a todos como sendo ordem social, se realiza, hoje, prevalentemente lá onde os pobres exercitam politicamente a capacidade de decidir, socialmente a capacidade e o direito de participar, culturalmente a dignidade de serem reconhecidos e reconhecer, historicamente o papel de caminhar e dirigir a caminhada, sem ser levado passiva e inconscientemente. Não é isto que acontece quando a gente se sujeita, numa CEB, num grupo de PO ou de CPT, às decisões de operários, camponeses, simples 'pessoas do povo'? Não é isto que eles experimentam, quando vêm um deles celebrar o culto dominical, dirigir a reflexão bíblica, orientar a deliberação sobre as lutas do bairro? Não é isto que

se torna concreto no momento em que, quem nunca falou em público, cria coragem de dizer o que tem na cabeça, com a certeza de que 'foi o Espírito que colocou isto no coração da gente', sem temer críticas e sem ter que pedir desculpas para falar o que pensa?

Já se torna convicção política corrente de que nada vai modificar mais profundamente a história do Brasil que este 'povinho miúdo' que são as grandes maiorias, que aprende a decidir, executar, refletir, analisar, celebrar, pregar, pensar a fé, formular a reflexão-de-fé que orienta a caminhada de nós-com-Deus e de Deus-conosco.

Assim, a espiritualidade que o Pobre imprime à luta de quem procura a libertação de pobres e de ricos, não visa à eliminação de uns em favor dos outros, porque é exatamente isto que estamos experimentando: trabalhar numa fábrica, numa mina, num serviço braçal, é ser assassinado aos poucos enquanto se produz a riqueza que faz a vida de outros. Esta espiritualidade de luta não visa trocar uns pelos outros porque isto não mudaria nada. O que ela visa é que todos se relacionem e se entrelacem como as junções e conexões de um organismo sadio. Cada célula de uma artéria ou de uma veia só consegue viver na medida em que transmite e faz passar adiante o sangue da vida, cada célula de uma articulação — pulso, cotovelo, joelho, quadril, pescoço — só vive na medida em que transmite movimento, se mantém livre e mantém aberto o caminho das

veias e artérias, dos músculos, das cartilagens, da pele, dos tendões e nervos, na medida em que é uma conexão que subministra a vida. A Espiritualidade 'do Pobre' é a luta pela qual "o Corpo inteiro, coordenado e unido, por meio de todas as juntas, opera seu crescimento orgânico, segundo a atividade de cada uma das partes, a fim de se edificar no amor" (Ef. 4,16), crescendo para que tudo seja re-assumido naquele que é a cabeça de tudo, o Cristo (Ef. 1,10).

MANSIDÃO E MATURIDADE

Ela é, pois, UMA ESPIRITUALIDADE HISTÓRICA. SEU DINAMISMO É A CAMINHADA BÍBLICA DO POVO QUE SE TORNA POVO-DE-DEUS. Suas pegadas são as etapas da luta de libertação. A Igreja que ela constrói é o sinal universal de que o Reino de Deus está chegando, está aí (e não o reconhecemos...!?). Esta espiritualidade vive a certeza de que não há duas histórias, uma divina e uma humana, nem mesmo apenas união ocasional ou permanente ou estreita entre o divino e humano, mas sim existe uma única história, na qual se realiza no homem a Salvação divina, na qual o homem cresce como totalidade de um corpo em direção a uma Cabeça, o Cristo, no qual Deus será tudo em todos, e todos seremos um n'Ele.

No 'Pobre' enquanto oprimido e excluído revela-se que esta história se desenrola por entre as agruras do anti-Reino. Na sua teimosa busca de condições humanas de vida revela-se a constante vitória do

Reino que, sempre atacado e por vezes subjugado, nunca se deixa matar nem desviar (11).

Finalmente, esta espiritualidade 'do Pobre' é uma espiritualidade tranquila, madura, respeita o próximo, respeita e até ama o diferente. Vivemos ainda hoje o projeto do cristianismo católico ocidental que tem dificuldade em reconhecer a existência do que é diferente. Já durante o período colonial vivemos o projeto histórico da 'cristandade', que perseguia e matava os não-cristãos, que justificou até a escravidão de povos e etnias inteiras alegando que, sendo escravos, os pagãos viveriam em estreito contacto com cristãos e chegariam, assim, a participar da salvação (12).

'O Pobre' é o grande eixo desta espiritualidade. Há certamente outros eixos de espiritualidade, como há outras espiritualidades. Nós os vemos e os compreendemos a partir desta raiz, os iluminamos com esta luz. O manso servo de Javé lhes reconhece pleno Direito de ser, de ser diferentes, e até de não nos reconhecer no que realmente somos. É a espiritualidade de Ecl.^o 16,26-28: as criaturas 'nunca se cansaram, nem atrapalham o vizinho'. Deus as criou para servir, e elas servem.

Assim é a mãe que não se cansa, vive de servir e gerar. Assim o pobre, o afilhado de Deus, que simples, nua e cruamente é, não tem. É para viver tem que criar, como seu criador, criar do nada, fazer tudo do que não é: da água poluída alimento e limpeza, da fonte longínqua o caminho

do amor e da união, do caminho de pó a vida de suor, da doença, da dor, do cansaço, seu amor, sua festa. O Pobre, afilhado de Deus, do Deus Goêl, serve, e não produz. Serve ao filho, à companheira, ao irmão, ao Deus caminheiro. Serve ao patrão que dele se serve, serve ao que produz. Não produz, e, para viver, tem que respeitar, não 'dispor'. Deixa ser o que é, correr o que corre, amar o que ama, cair o que cai. Ajuda o irmão bêbado até em casa, alimenta mais um filho e mais um filho, acolhe mais um forasteiro. Não enxota o cachorro, o gato, a galinha, o passarinho, a pulga, o piolho, o mosquito: nunca nenhum deles embaraçou o vizinho.

Como o Pai, seu padrinho, o pobre apenas é, e apenas serve. Ele se abre e tudo será criado e enche de bênção a todo o vivente. Não se impõe, sobrevoa a face do criado. Para viver crê, saboreia, põe fé. Pega com Deus e vai... vai sozinho neste mundão: 'eu mais Deus'. Crê e confia pois não sabe, saboreia, como não conhece nem analisa, curte e teima: — "tem mania de ter fé na vida".

Cabe aqui mais uma observação prudencial. Espiritualidade é uma coisa bonita e entusiasmante, mas a vida do pobre não é bonita. A pobreza é feia, suja, desagradável, incômoda e dolorosa. Mesmo 'o Pobre', eixo e fonte das características acenadas desta espiritualidade, não é anjo, nem homem perfeito. Tem suas mazelas, falcatruas e maldades. A arenosa vida que o arrasta, lhe ensina truques feios: alguns, ele os apren-

de imitando a desonestidade dos patrões, dos governantes corruptos e corruptores, outros lhe são sugeridos pela propaganda que impõe a corrida ao lucro como regra de vida, outros lhe são necessários para escapar com vida à dura lei-de-cão que o marginaliza, outros são a sua maneira de se vingar, outros ainda são apenas uma característica de sua visão cultural do mundo. Isso tudo suja de barro e pó as pernas com que caminha neste mundo a espiritualidade, 'do Pobre' mas não lhe arranca o coração.

A espiritualidade não é feita de convicções intelectuais ou afetivas, mas de uma caminhada prática. O silêncio, o jejum, a disciplina, a oração, todos estes exercícios irrenunciáveis de espiritualidade cobram aqui nova face. A vida entre pobres os impõe com abundância, e faz do cotidiano um exercício ininterrupto de ascese. O critério, entretanto, mais uma vez, não é a aquisição desta ou daquela outra virtude, mas a participação cristã e consciente na luta de 'o Pobre. E não há ascese mais frutuosa nem mais exigente que enxercar-se, embeber-se, apaixonar-se pelo Pobre, ensopar-se dele, despojar-se de tudo o que não conduz à cabeça, que não reproduz em nós o sentido de sua vida: "sendo da condição de Deus, não considerou propriedade privada ser igual a Deus, mas aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens e, achando-se na condição humana, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz"

(Filip 2,5 ss — Puebla 1141). — Belo Horizonte, 29/8/1985.

NOTAS:

- (1) O depoimento foi dado num encontro de irmãs Clarissas 'inseridas', e concorda fundamentalmente com depoimentos semelhantes contidos, por exemplo, nos dois volumes de 'Caminhada das pequenas Comunidades' (Recife, Lagoa Seca).
- (2) Petrópolis, Vozes, 1984. 'Bater o sarilho' é a expressão usada no 'meu' bairro, para a ginástica matinal de tirar do poço, lata por lata, a água a ser usada durante a manhã pelo menos. Durante 10 anos foi a cruz dos moradores, até que chegou 'da Copasa', encanada e cheirando a cloro.
- (3) O 'Diário Espiritual de Santo Inácio de Loyola' (S. Paulo, Loyola, 1977), registra pelo menos sete vezes que o Santo se incomodava tanto com distrações na oração, causadas pelo barulho que o pessoal fazia na escada ao lado, que, 'em sua saúde combalida' (id. ib. notas 129 e 127), pensou em "ir embora de casa e tomar um quarto de aluguel para evitar rumores" (Espírito Santo, 30 bis ou 40 — ib. pág. 60). Já na primeira 'distração', em que ele sai da capela para chamar atenção pelo barulho, o comentarista, Pe. A. Cardoso, nota que ele "nunca se perturbava por causa disso, senão quando julgava ter culpa ele próprio" — cita Ribadeneira Vida V, 1.325. Nas anotações do dia seguinte, 4.^a-feira 13 de fev.^o, ele parece refletir que cometeu uma falta, ao deixar-se interromper na sua oração sobre as Pessoas divinas', e 'levantar-se da oração para impor silêncio

- na sala vizinha'. Parece que podemos dizer: ele não venceu a 'distração' atribuindo-a a culpa alheia e levantando-se contra quem a ocasionava, mas no momento em que (com palavras de hoje), respeitando a vida alheia, fez da distração um critério para o discernimento de sua oração. A questão do barulho torna-se uma espécie de luta do 'fogo contra a água', que ele toma como tema de sua oração. Este aceno, aqui, tem como meio de comparação, não tanto o barulho em espaço vizinho, quanto a meditação sobre ele, como meio de aperfeiçoar a oração.
- (4) Veja, entre outras citações bíblicas, o texto de Is 61,1-2 citado por Jesus em Lc 4,18 ss; Mt 3,16; Sof 2,3; o livro inteiro de Rute (veja o caderninho de C. Mesters editado pelas Paulinas para o mês da bíblia); Mt 25,31-45; Lc 4,24 ss; 11,37-53; Puebla 1143 e Mensagem aos povos da AL n.º 3, final.
 - (5) Tento resumir aqui algumas idéias básicas do estudo sobre a pobreza sob o ponto de vista Latino-americano, para a enciclopédia "Neues Handbuch Theologischer Grundbegriffe", 1.º vol., München, Kösel-Verlag, 1984. Veja: X. Gorostiaga, Para entender América Latina, San José de Costa Rica, 1979; M. Santos, Pobreza Urbana, São Paulo, 1979; A. Tévoédjré, A pobreza, riqueza dos povos, São Paulo, 1981 — prólogo de D. Hélder Câmara.
 - (6) Puebla é abundante a este respeito. Veja os capítulos sobre a visão sócio-cultural da América Latina, sobre Ideologia e política, sobre a Oração preferencial pelos pobres.
 - (7) C. Mesters, Rute — uma história da Bíblia — Pão, Família, Terra! Quem vai por aí não erra! — S. Paulo, Paulinas, 1985, pág. 58.
 - (8) Veja Phil. 2,5-11; O discurso contra os Fariseus e Escribas, em Lucas; a 'purificação do templo'; a prisão e paixão.
 - (9) Veja Exodo 3, 14 ss etc, S. Irineu AH liv IV 20,7, apud C. FOLCH GOMES, ANTOLOGIA DOS SANTOS PADRES, São Paulo, Paulinas, 1979, p. 129, n.º 205.
 - (10) Veja o texto de preparação da XIV AGO da CRB, 'Os profetas bíblicos interpelam a VR' — pág. 1-4, e o texto da vocação de Jeremias 1,10, assim como a história de João, o Batista.
 - (11) Sobre a historicidade da Salvação, veja Ellacuría, Historicidad de la salvación cristiana, em: Revista Latinoamericana de Teología, San Salvador, Año I n.º 1 pág. 5-45.
 - (12) Veja a obra em quatro pequenos volumes de H. Dussel, sobre os 'Caminhos de Libertação Latino-Americana', S. Paulo, Paulinas, 1984, especialmente vol. II, com indicação de outras obras sobre o assunto.

A ATUALIDADE DA ESPIRITUALIDADE VICENTINA

Pe. Marcos Evangelista Gonçalves, CM

Todos os Santos, pelo simples fato de sua vocação especial para serem modelos de admiração ou imitação, devem transcender ao seu tempo e ao seu país de origem. São heróis. E os heróis não conhecem fronteiras, eternizam-se e se immortalizam. Com mais razão do que Horácio ao se referir às suas Odes (L. III), podem eles dizer de sua vida: "Exegi monumentum aere perennius" (Levantei um monumento mais durável do que o bronze).

Há, porém, alguns Santos mais carismáticos, cuja vida e obras duram em maior espaço e tempo. É o caso do nosso santo, São Vicente de Paulo (1.581 — 1.660). Um grande biógrafo dele, o Pe. Pierre Coste, CM (1.873 — 1.935), cognominou-o, muito acertadamente, de "O GRANDE SANTO DO GRANDE SÉCULO". Parece-nos que mais justamente ainda deveríamos chamar São Vicente de "O GRANDE SANTO DE TODOS OS SÉCULOS".

A atualidade de S. Vicente de Paulo se explica pela sua espiritualidade simples, dinâmica, muito humana (e, portanto, sempre atual), sem deixar de ser profunda e exigente. Por isto, só entenderemos sua atualidade, nestes tempos de opção preferencial

pelos Pobres, nesta época de uma "Igreja dos Pobres" [1], depois de um conhecimento prévio, ainda que bem resumido, de sua espiritualidade. É o que pretendemos fazer, sem muita delonga.

1. A ESPIRITUALIDADE VICENTINA

Para alguns autores, São Vicente de Paulo não é considerado como mestre de espiritualidade, no sentido estrito e clássico do termo, pois não escreveu nenhum tratado específico de espiritualidade.

Mas, sendo a "espiritualidade um modo particular de se conceber e vivenciar o ideal da vida cristã" (2), reconhecem outros autores, e são maioria, ser indiscutível que "existe na Igreja uma corrente de espiritualidade que tem sua fonte na **ação** e na **doutrina** de S. Vicente e, por isto, ele tem direito de ser considerado como um dos principais mestres de espiritualidade católica, cuja cátedra já tem mais de três séculos de ensino vivo e fecundo (3). "Discípulo do Cardeal de Bérulle, mas discípulo original, São Vicente veio a ser mestre, por seu turno, duma, prudência e sagacidade que chega ao gênio" (4).

1.1. As correntes de espiritualidade do século XVII

Algumas províncias da "Idade Média", continuam influentes. Entre elas, podemos lembrar:

A Escola Beneditina. Piedade afetiva e litúrgica. Não teve influência sobre São Vicente.

A Escola Dominicana. Centrada sobre a ascese e a contemplação. Pertence a esta Escola o mestre Luís de Granada (1.504 — 1.588). Era um dos autores favoritos de S. Vicente e de sua fiel colaboradora e Co-fundadora da Companhia das Filhas da Caridade, Santa Luíza de Marillac (1.591 — 1.660).

Outras Escolas eram novas. Entre elas merece destaque a **Escola Inaciana**. Espiritualidade ativa, enérgica, que tende a formar a vontade em ordem à santificação e ao apostolado. Já se vê que vai influenciar o nosso Santo, o Apóstolo da Caridade.

Santo Inácio (1.451 — 1.556) teve grande influência sobre a espiritualidade vicentina. As "Regras Comuns" de São Vicente para seus "Missionários" (Lazaristas, por causa da casa-mãe, "São Lázaro") foram modeladas e inspiradas pelas Constituições da Companhia de Jesus. Até o nome oficial da Congregação da Missão era, na intimidade, "Companhia", ou "Pequena Companhia". Em certa oportunidade afirmou S. Vicente que seus Missionários se deveriam dar por muito felizes e honrados, se pudessem ser os "carregadores de malas daqueles grandes

apóstolos da Companhia de Jesus" (5). O "Catecismo" de São Roberto Belarmino era muito apreciado por S. Vicente e Sta. Luíza. O Pe. Afonso Rodrigues tinha suas obras lidas no refeitório vicentino de São Lázaro. O Pe. Saint-Jure era grande amigo de São Vicente que muito apreciava suas obras (6).

A Escola Carmelitana. Espiritualidade baseada sobre o "tudo de Deus" e o "nada da criatura". Ensina o desprendimento completo para chegar à contemplação (se aprovar a Deus) e à prática do apostolado pela oração, o exemplo e o sacrifício. St.^a Teresa (1.515 — 1.582) é freqüentemente citada por S. Vicente. Também Maria da **Encarnação** (Mme. Acarie), cujo biógrafo, o Pe. André Duval, era grande amigo e conselheiro de S. Vicente, influenciou sobre sua espiritualidade.

Escola Salesiana. Concentra-se quase inteiramente no seu fundador, **S. Francisco de Sales** (1.567 — 1.622) que teve o grande mérito de mostrar que a devoção, e até mesmo a santidade, podem ser praticadas em todos os estados de vida. São Francisco de Sales dá início a uma espiritualidade prática ou, espiritualidade da ação. E São Vicente, "como bom camponês gascão e como homem de ação, é avesso a conceitos abstratos" (7). Os dois santos se davam muito bem chegando S. Vicente a substituir a S. Francisco de Sales na direção das Irmãs Visitandinas, fundadas pelo bispo de Genebra. São Vicente trabalhou muito por sua beatificação.

Finalmente, a **Escola Francesa**. Sua espiritualidade parte dos dogmas da

Fé, e sobretudo do dogma da Encarnação: incorporados em Cristo pelo Batismo, devemos, em união com o "VERBO ENCARNADO", glorificar a Deus que vive em nós, e reproduzir as virtudes interiores (ou "estados") de Jesus. Seu fundador, o **Cardeal de Bérulle** (1.575 — 1.629), era muito relacionado com São Vicente e sua obra, ainda que tenha querido impedir a fundação da Congregação da Missão (SV, II, 417). São Vicente não recebeu particulares iluminações de sua escola mística (8). O ensinamento berulliano do despojamento total e da abnegação, interior recebe em São Vicente, formas mais criativas com o sentimento vivíssimo da Providência.

Pertencem a esta Escola o **Pe. C. de Condren** (1.587 — 1.641) grande amigo de S. Vicente e de sua Congregação. O **Pe. Bourgoing** (1.585 — 1.622), a quem São Vicente substitui na paróquia de Clichy (SV XIII, 17). Era grande amigo de São Vicente.

1.2. A Espiritualidade própria de S. Vicente

Temos de reconhecer a benéfica influência recebida por São Vicente, dos mestres espirituais de sua época. Mas, era só influência, e não dependência, ficando bem caracterizada sua personalidade marcante, também como Mestre de espírito.

O traço característico da espiritualidade vicentina é a ausência de misticismo, a profunda vivência prática. É a **espiritualidade da ação**, que se

pode resumir no clássico pensamento do Pai da Caridade: "Amemos a Deus, meus irmãos, amemos a Deus, mas que isto seja à custa de nossos braços, e com o suor de nossos rostos" (SV XI, 40). E ainda esta corajosa afirmação: "Os êxtases são mais prejudiciais do que úteis" (SV IX, 30).

Sua espiritualidade "é a vivência pelo Amor-Caridade, da adesão a Jesus Cristo como evangelizador dos Pobres, e como presente neles... Ocupa um lugar de destaque na espiritualidade vicentina a imitação de Jesus Cristo, evangelizador dos Pobres" (9). É "um conjunto coerente e bem caracterizado de suas disposições e atitudes religiosas em relação a Deus e ao próximo" (10).

Sua espiritualidade, baseada na doutrina do Verbo Encarnado, faz com que ele consiga "amar Deus no homem. Ele sabe procurar Cristo nos irmãos. Encontra-o no Santo Padre, o Papa; nos bispos, nos sacerdotes, nos doutores, nos religiosos, nos reis, nos fidalgos, nos magistrados, nos operários, nos pobres, nos enfermos" (11). Tudo o que disse, escreveu ou fez, parte de sua visão do Verbo Encarnado.

A coluna vertebral da espiritualidade vicentina pode ser resumida em três idéias: 1) identificação com a vontade de Deus (influência de Bento de Canfield); 2) união a Jesus Cristo (Card. de Bérulle); 3) vivência afetiva e efetiva do grande amor de Deus pelos homens (S. Francisco de Sales).

E não somente afirmamos existir uma espiritualidade vicentina própria, caracterizada, mas também há um "espírito vicentino". Este espírito é aquele modo peculiar e próprio de se viver a caridade evangélica, considerando o Pobre como "nosso Senhor e Mestre" (SV IX, 119). Este espírito pode-se definir como uma "referência pessoal, na Fé, a Jesus Cristo, já como evangelizador e servo dos Pobres, já como misticamente presente, humilhado e sofredor neles" (12).

Na prática, o espírito vicentino é "aquilo que permite aos coirmãos vicentinos, dispersos pelos cinco continentes, se conhecer, se estimar e conjugar esforços. O espírito vicentino é o princípio unificador desta prodigiosa diversidade" (13).

Em suma, aquele espírito é um "amor prático a Cristo, no Pobre," e "honrar Nosso Senhor, seu Amo, servindo-o corporal e espiritualmente, na pessoa dos pobres... As Filhas da Caridade "honrarão a Jesus como **menino** nas escolas paroquiais e nos orfanatos; como **necessitado**, nos hospícios, nos **refugiados**, nos **sinistrados** durante as guerras e calamidades públicas; como **enfermo**, nos hospitais e nos campos de batalha; como **prisioneiro**, nos galés e nos cárceres" (14).

1.3. A Espiritualidade de S. Vicente em seus escritos.

Graças a Deus, os filhos de São Vicente temos uma felicidade de que poucas comunidades religiosas se

podem orgulhar: temos nada menos de 15 volumes de seus escritos e pensamentos. São quase 3.400 cartas! Temos 120 Conferências aos Padres da Missão; mais de 230 Conferências às Filhas da Caridade. Um volume com mais de 200 preciosos documentos! Ao todo mais de 9.000 páginas!

Toda esta inestimável e inesgotável mina vicentina foi publicada com muita competência e senso crítico pelo lazarista Pe. Pierre Coste (1.873 — 1.935), sob o título: "SAINT VINCENT DE PAUL correspondance, entretiens, documents". Cf. nota 6.

Ultimamente, foi editado mais um volume com documentos inéditos, completando 15 volumes! (15).

Pode bem imaginar o benévolo leitor a nossa dificuldade em apresentar a espiritualidade de São Vicente, a partir de tantos escritos. Vamos simplesmente respigar, correndo embora, o risco de deixarmos no esquecimento pedras preciosas de inestimável valor.

1. Apresentamos, em primeiro plano, este pensamento de São Vicente que, segundo o atual Superior Geral da Congregação da Missão, o Pe. Richard McCullen (1.926-), "resume toda a espiritualidade de São Vicente" (16): "Não podemos assegurar melhor a nossa felicidade eterna, do que vivendo e morrendo a serviço dos **Pobres**, nos braços da **Providência**, e numa constante **renúncia** de nós mesmos para **seguir** a Jesus Cristo" (SV III, 392).

Neste texto vemos: 1) o "leit-motiv" que impulsionava São Vicente: os Pobres; 2) o pano de fundo, a parte de Deus, a graça, sob a forma de Providência; 3) o esforço humano de correspondência à graça, a saber: seguir a Jesus Cristo ("sequela Christi").

2. As Filhas da Caridade relembra São Vicente a grande e sempre repetida verdade: Jesus, na pessoa do Pobre! "Oh! minhas Irmãs, como isto é verdadeiro! Servis a Jesus Cristo na pessoa dos Pobres! Isto é tão real como estamos aqui. Uma Irmã irá dez vezes visitar os doentes, dez vezes aí encontrará a Deus... Ides visitar os Pobres condenados, ali encontrareis a Deus... Ides servir estas criancinhas (expostas), encontrareis a Deus. Oh! minhas filhas, como isto é consolador! Ides à casa dos Pobres, e lá encontrareis a Deus" (SV IX, 252).

3. A Providência. "A consolação que N. Senhor me dá é pensar que, pela graça de Deus, nós sempre nos temos esforçado em **seguir**, e **não em prevenir** a Providência que, sabiamente, conduz todas as coisas. Nunca percebi, como agora, a verdade destas palavras: Deus arranca a vinha que Ele não plantou".

"Meu Deus, quantos tesouros escondidos na Santa Providência de Deus! Oh! minha Irmã, como honram sobrenaturalmente a N. Senhor aqueles que a **seguem**, e **não passam à frente** dela!

"Tenho especial devoção em seguir passo a passo a adorável Providência de Deus".

"As coisas de Deus se fazem por si mesmas".

"O bem que Deus quer que se faça, se faz quase por si mesmo, sem que ninguém pense nisso".

4. **Seguir a Cristo.** "O que faria Jesus Cristo se estivesse em meu lugar? "Senhor, se estivesseis em meu lugar, o que faríeis? Como procederíeis? Como instruiríeis este povo? Como consolaríeis este doente?" "Está isto de acordo com as máximas de Cristo?".

5. **Cristo-modelo.** "Não somos muito felizes, meus irmãos, por expressarmos ao vivo a vocação de Jesus Cristo? Pois, quem, de fato, manifesta melhor o modo de vida que Jesus Cristo levou na terra, do que os Missionários?" "Vossa vocação, minhas Irmãs, é a maior que existe na Igreja de Deus!" "Cristo é a Regra da (Congregação da) Missão" (SV XII, 130).

6. **Cristo no Pobre.** "Não devo considerar um pobre camponês ou uma pobrezinha conforme seu exterior... As mais das vezes, eles não têm nem a aparência nem o espírito de pessoas racionais, tão grosseiros e terrestres eles são! Mas, **virai a medalha**, e vereis pelas luzes da Fé que o Filho de Deus, que quis ser pobre, nos é representado por esses Pobres" (SV XI, 32). "Quando deixais a oração e a Santa Missa para o serviço dos Pobres, não perdeis nada com isto, pois **é ir a Deus, servir os Pobres**, e deveis ver Deus em suas pessoas" (SV IX, 5). "Servindo os Pobres, servimos a Jesus Cristo",

7. **Oração.** "Dêem-me um homem de oração, e ele será capaz de tudo" (SV XI, 83). "O ar não é mais necessário para a vida do corpo, do que a oração para a vida da alma" (SV X, 582). "As duas grandes virtudes de Jesus Cristo são a religião para com o Pai Eterno, e a caridade para com os homens".

1.4. **As cinco virtudes dos Missionários**

São Vicente tinha particular afeição por cinco virtudes que ele recomendava encarecidamente a os seus Missionários considerassem e praticassem "como sendo as faculdades da alma de toda a Congregação" (17). Dizia ainda, que "aquelas virtudes que compõem o espírito da Missão" podem ser comparadas "com as cinco limpidíssimas pedras de Davi, com as quais em nome do Senhor dos exércitos, venceremos o infernal Golias" (18). Desejava, ainda, que "essas virtudes fossem como as faculdades da alma de toda a Congregação" (19).

E quais são essas virtudes, que fazem parte integrante do espírito vicentino?

(1) **A Simplicidade** — Ela "é a primeira e a mais própria virtude dos Missionários, e sempre e em toda a parte deve ser por eles fielmente praticada" (20).

Costumava S. Vicente dizer: "A simplicidade é o meu Evangelho. Tenho uma particular devoção e consolação em dizer as coisas como elas são" (SV IX, 606). E, já prati-

cando a simplicidade, escrevia: "É a virtude que eu mais aprecio, e à qual presto mais atenção em minhas ações, parece-me; e, se me for permitido dizê-lo, direi que isto se faz com algum progresso, pela misericórdia de Deus" (SV I, 284).

Ensina que a simplicidade "consiste na simples declaração das coisas como se as têm no coração, e sem reflexões inúteis, e, ainda, fazê-las sem fingimento ou artifício, olhando somente a Deus" (21).

"Os simples, Deus os enriquece com uma Fé viva; eles crêem, tocam, saboreiam as palavras de vida". "Prefiro ser lançado a um braseiro, de mãos e pés atados, a fazer qualquer coisa para agradar aos homens".

(2) **A Humildade** — Para S. Vicente, "a humildade é a mãe da Caridade" (SV XII, 530). "Por mais caridosa que pareça ser uma pessoa, se não for humilde, não tem caridade" (SV XII, 210).

A humildade deve ser a **senha** do Missionário: "Peçamos a N. Senhor que, ao sermos interrogados sobre nossa identidade, possamos responder: "É a humildade". Se perguntarem: "Quem vem lá, ou quem está passando ali?", que se possa responder: "É a humildade!" (SV, XII, 206).

Ensina o grande Mestre como se adquire a humildade: 1) "reputar-se, com toda a sinceridade, digno do desprezo dos homens; 2) alegrar-se de verem os outros a nossa imperfeição, e que por ela nos desprezem; 3) se o Senhor em nós ou por nós

realizar algum bem, ocultá-lo, se possível, à vista da própria vileza; e, se isto não for possível, atribuir tudo à divina misericórdia e aos méritos dos outros. Este é o fundamento de toda a perfeição evangélica, e o nó de toda a vida espiritual" (22).

(3) **A Mansidão** — Já foi dito que São Vicente "teria sido o homem mais afável do seu tempo, se no mesmo século não tivesse vivido São Francisco de Sales" (23).

"A mansidão! A mansidão! Oh! que bela virtude! Com a humildade, são duas irmãs gêmeas que concordam perfeitamente, à semelhança da simplicidade e da prudência que não se podem separar" (SV XII, 186).

"Como o exercício desta virtude, se ganham os corações dos homens para se converterem a Deus: o que não conseguem aqueles que tratam o próximo dura e asperamente" (24).

(4) **A Mortificação** — Antes de tudo, é de justiça mostrar a atitude humana e realista de S. Vicente, ao dizer: "Posto que os trabalhos contínuos dos Missionários não permitam que por alguma regra sejam gravados com mortificações e austeridades corporais", contudo, "cada um terá delas grande estima... e delas poderá usar, como a saúde e sérias ocupações lho permitirem" (25).

"O sinal para distinguirmos se alguém segue a N. Senhor, é ver se continuamente se mortifica" (SV VII, 227).

"Refleti, minhas Irmãs, se queremos viver em liberdade, mortifique-

mos nossas paixões, pois é próprio da mortificação dar a tranquilidade à alma, de sorte que está sempre contente com o que lhe sobrevém, e nada pede, nada recusa" (SV X, 284).

"Um ato de mortificação nos causa maior prazer do que a fadiga por nós sentida em o fazer" (SV X, 284).

E como quem conhece todos os meandros daquela virtude, por experiência própria, ensina: "Mal começamos a prática da mortificação e ela se nos tornará fácil. De início, haverá dificuldades. Mas, se vos exercitardes nisso oito ou dez dias, quando muito um mês, não tereis apego a coisa alguma, e vos achareis em um estado em que quase não distinguireis o que é ou não é do vosso agrado" (SV X, 281).

Enfim, a célebre expressão do Santo: "Resistamos firmes à nossa natureza, porque se uma vez lhe dermos uma ocasião, tomará quatro. E fiquemos certos de que a **medida de nosso adiantamento espiritual** se deve avaliar pelo progresso que fazemos na virtude da mortificação" (SV XI, 70). "Um Missionário sem mortificação seria um cadáver de Missionário" (SV XII, 412). "Quem foge das cruzes encontrará outras ainda mais pesadas" (SV IX, 71).

(5) **O Zelo** — Segundo ele, "o zelo consiste em um desejo puro de nos tornarmos agradáveis a Deus e úteis ao próximo, dilatando o império de Deus e trabalhando pela salvação das almas. Existe, no mundo, algo de mais perfeito? Se o amor de Deus é um fogo, o zelo é a chama. Se o

amor é um sol, o zelo é o raio. O zelo é o que há de mais puro no amor de Deus" (SV XII, 307).

"Quanto a mim, não obstante a idade, não me creio dispensado da obrigação de trabalhar no serviço dos Pobres! Se não puder pregar todos os dias, pregarei apenas duas vezes por semana. Se não tenho força bastante para me fazer ouvir nos grandes púlpitos, falarei nos pequenos. E se, ainda para isso não desse a minha voz, quem me impedirá de falar modestamente à gente simples, como vos falo agora, fazendo-a aproximar-se e pondo-a à volta de mim?" (26).

"Eu mesmo, embora idoso e alquebrado pelos anos, não devo deixar de acalentar esta disposição... de passar às Índias, a fim de conquistar almas para Deus, ainda que possa morrer pelo caminho ou na embarcação" (SV XI, 402).

O zelo é o fruto da caridade. Por isto, S. Vicente, o Pai da Caridade, chega ao patético, dizendo: "Como seríamos felizes, reduzidos à pobreza por haver exercido a Caridade para com os outros! Mas não temamos chegar à penúria por esse caminho, a menos que desconfiemos da bondade de N. Senhor e da verdade de sua palavra. Se, não obstante, permitisse Deus fôssemos reduzidos ao extremo de ir às aldeias em busca do pão com que viver, ou mesmo ao ponto de ir mendigar o alimento, ou de nos deitar ao canto de uma sebe, todo em trapos e transidos de frio e, se a um de nós, em tal estado, viessem perguntar: "Po-

bre Padre da Missão, quem te reduziu a este extremo?", que felicidade, meus Irmãos, poder responder: "Foi a Caridade! Oh! Como seria esse padre estimado aos olhos de Deus e dos Anjos"! (27).

1.5. As três virtudes das Filhas da Caridade

São Vicente, que legou aos seus Padres o testamento espiritual das cinco virtudes acima referidas, não poderia deixar de fazer o mesmo em favor de suas filhas prediletas, as Filhas da Caridade.

"O espírito da Companhia (das Filhas da Caridade), diz-lhes, consiste em três coisas: **amar** N. Senhor em espírito de humildade, e **simplicidade**. Enquanto existir entre vós a caridade, a humildade e a simplicidade, poder-se-á dizer: "A Companhia da Caridade ainda vive!" Mas, quando já não houver essas virtudes, poder-se-á dizer: "A pobre Caridade morreu!" Uma Filha da Caridade que não tiver humildade e caridade está morta, pois não tem o seu espírito... Seria melhor que não existissem mais as Filhas da Caridade se entre elas não houvesse essas virtudes... Quem vos vir, deverá reconhecer-vos por essas virtudes... Deus quer que as Filhas da Caridade se apliquem particularmente à prática da humildade, da caridade e da simplicidade" (SV IX, 595).

Agora, amigo leitor, faço-lhe uma pergunta: sabe você quais as virtudes que o Concílio Vaticano II aconselha aos Bispos, como próprias de

seu estado? Veja a resposta: "Lembrem-se (os Bispos) de sua obrigação de dar o exemplo de santidade na **caridade, humildade e simplicidade**" (CD-15). São exatamente as mesmas três virtudes confiadas por São Vicente às Filhas da Caridade, e até na mesma ordem.

Uma pergunta final: seria mera coincidência?

2. A ATUALIDADE DA ESPIRITUALIDADE VICENTINA

Depois de termos ouvido as próprias palavras de São Vicente de Paulo, pelas quais pudemos ter uma idéia, ainda que pálida e imperfeita, de sua rica e cativante espiritualidade, já nos encontramos em condição de considerar outro ponto muito importante. Aquela luz que brilhou e iluminou a Igreja de Deus no século XVII já se teria apagado? Ou foi colocada debaixo do alqueire? Ou foi transportada para outras paragens? Em outras palavras: a marcante espiritualidade legada por S. Vicente ainda tem significado, hoje, mais de três séculos após sua morte? Sua voz ainda se faz ouvir? Pode ainda sua bandeira tremular neste apagar das luzes do século XX? É atual a espiritualidade de S. Vicente.

A respeito de Cristo, afirmou o autor da Carta aos Hebreus, que Ele transcende o espaço e o tempo: "Cristo ontem, hoje e sempre" (Hb 13,8). Ele veio trazer esperança e salvação para todos os homens, em todos os quadrantes da Terra, tanto para os seus contemporâneos, quan-

to para o último homem da história...

São Vicente, apaixonado imitador de Cristo, a Quem ele considerava como a "Regra da Missão" (SV XII, 30), devia, também, como seu modelo, transcender os acanhados e superados limites do seu tempo, e de sua querida França, a "filha primogênita da Igreja" e, qual outro João Batista, "um facho que arde e ilumina" (Jo 5,35), continuar a ser modelo de Cristo, também em nossos dias e por toda a Terra, com a mesma eficiência do século XVII.

A atualidade de São Vicente, de sua espiritualidade, é um fato notório, notável e até perecendo providencial.

O Papa João Paulo II, grande conhecedor e íntimo amigo dos Padres Lazaristas, em Cracóvia, onde frequentemente os visitava, o mesmo fazendo em Roma, na Curia Genérica da Via di Bravetta, antes de subir ao trono de S. Pedro, dizia em carta ao Superior Geral da Congregação da Missão, o Pe. Richard McCullen, por ocasião do IV Centenário do nascimento de S. Vicente de Paulo:

"A contemplação da época de S. Vicente nos leva facilmente à conclusão de que ele é um **santo moderno**. Se voltasse hoje... seguramente encontraria o caminho dos Pobres, dos nossos pobres, nos aglomerados urbanos do nosso tempo, como outrora na área rural. Pode-se imaginar o que este arauto da misericórdia e da ternura de Deus seria capaz de realizar, servindo-se com

sabedoria de todos os meios modernos, à nossa disposição! Sua vida seria o que foi sempre: um evangelho amplamente aberto, com o mesmo cortejo de pobres, de pecadores, de crianças infelizes, e também de homens e mulheres entregues ao amor e ao serviço dos Pobres" (Roma, acs 12-05-1981).

A atualidade da espiritualidade e do fascínio que S. Vicente desperta em qualquer cristão é reconhecida por todos os homens, de todas as classes e credos.

Assim, líderes engajados nas lutas modernas para se reconhecerem os direitos básicos e impostergáveis dos seres humanos, escravizados por patrões desalmados e empresas materializantes, reconhecem e confessam como o grande e admirável, e nem sempre compreendido Cardeal Paulo Evaristo Arns, que "S. Vicente de Paulo teve o privilégio de convidar inúmeros ricos a descobrir nos Pobres o orifício da agulha, que leva o camelo a passar por ele, e entrar no céu" (28).

Homens de Deus e da Igreja comprometidos com os irmãos sofredores, como Dom Pedro Fedalto, arcebispo de Curitiba, PR, podem afirmar: "Os carismas de São Vicente continuam vivos em nossos dias"... e "devem ser aplicados hoje, na Igreja" (29).

Religiosos, seguidores de espiritualidade diversa, embora ligados todos por um mesmo ideal que é Cristo e o serviço ao irmão pobre, afirmam, como Frei Neylor J. Tonin:

"São Vicente de Paulo, o **"Monsieur Vincent"** eterno, de 400 anos de ontem, de hoje e de sempre! Sua alma é grande demais, cheia de fogo e raridade, e sua beleza espiritual não deve ser contida. Seu rosto simples, bom e cheio de misericórdia venceu a barreira do tempo, e seu amor pastoreia, **ainda hoje**, o infindável rebanho dos pobres e malditos, vasto como a vida, pungente e temido como a solidão e a cruz" (30).

Até políticos, habituados por profissão ou idealismo a ver e a sentir as fraquezas humanas, os dramas pessoais e familiares, muitas vezes sem solução aparente, se rendem ao fascínio carismático do Santo da Caridade, que em seu tempo lidava, com igual desenvoltura ao mesmo tempo ativa e humilde, com os grandes da Corte de Luís XIII, ou com os asquerosos e repelentes mendigos de Paris.

Mas, a nosso ver, a verdadeira glória de São Vicente de Paulo, em nossos dias, "O Grande Santo de Todos os Séculos", provém, principalmente, de sua sintonia, de sua notável concordância com os sentimentos e as atitudes proféticas da Igreja do Vaticano II, de Medellín e de Puebla, e, certamente, dos tempos vindouros.

A título de amostra, vamos ver nas linhas seguintes, como os candentes e evangélicos ensinamentos do Episcopado Latino-americano, reunido em Puebla (México) em 1979, estão em perfeita harmonia, para não dizermos coincidência, com os despresticiosos ensinamentos de São Vi-

cente de Paulo, na primeira metade do século XVII.

O arcebispo coadjutor de Belém, PA, o lazarista Dom Vicente Zico, afirma sem subterfúgios nem rodeios que "o documento de Puebla tem pensamentos, frases, **verdadeiras citações** de São Vicente de Paulo" (31).

Lembra muito a propósito e de modo profundamente teológico, uma filha espiritual de São Vicente, a Filha da Caridade Irmã Cecília Teixeira que "a espiritualidade vicentina numa coincidência admirável, aparece no espírito e nas opções preferenciais de Puebla. Isto comprova a atuação do Espírito Santo, no ontem e no hoje da Igreja" (32).

2.1. **Temas-chave de Puebla e São Vicente**

Certamente que a mensagem mais notável de Puebla ou pelo menos a que causou e ainda causa maior impacto é sua clara e insofisticável "opção preferencial mas não exclusiva" em favor dos Pobres, e especialmente dos mais necessitados. A opção preferencial "pelos preferidos de Deus" (P. 1143) não foi, é claro, obra inédita de Puebla. Ela é bem anterior. Pelo menos, vinte séculos antes... Ninguém melhor do que Cristo fez esta opção, por exemplo, "comendo com os publicanos e os pecadores" (Mt 9,11). Pobres de todos os matizes: os pobres pastores, a pobre pecadora adúltera, os pobres pescadores (que Ele chamou de Apóstolos — Lc 6,13), a pobre viúva do Templo, sua pobre Mãe,

e também (por que não?) os pobres Magos (implorando informações sobre o Menino pobre, a quem entregam seus bens) o pobre Zaqueu (que reconhece sua indigência espiritual e doa seus bens aos pobres...).

Outro ensinamento de Puebla, ou melhor, a mesma doutrina, só que considerada sob outro ângulo, é a visão evangélica do Pobre como "sacramento de Deus". O mesmo Jesus "a quem o mar e os ventos obedecem (Mt 8 27), se encontra no Pobre ("o que fizestes ao menor dos meus...": Mt 25,40), e no perseguido e injustiçado ("Saulo, por que **me** persegues?" — At 9,4). O bem que se faz ao Pobre, com reta intenção, é feito ao próprio Jesus, e nesta ótica, "um copo d'água fria terá a sua recompensa" (Mt 10,42), numa dimensão CRISTO/POBRE.

Pois, o que Puebla inculca e valoriza a todo momento, e sob todos os modos e figuras, é justamente o que imortalizou São Vicente de Paulo, o grande Apóstolo e Evangelizador dos Pobres.

Deste modo, Puebla e São Vicente se harmonizam, sintonizam, e se completam. É a mesma doutrina, a de Cristo exposta em dois períodos históricos diferentes, mas semelhantes em muitos aspectos. Por isto, as expressões se assemelham, e as vezes se repetem. É, realmente, aquele tesouro "de onde se tiram coisas novas e velhas" (Mt 13,52).

Para melhor clareza, vamos apresentar alguns tópicos da doutrina de Puebla, e logo em seguida, sua coincidência em São Vicente.

2.2. Puebla hoje / São Vicente ontem

(1) — a) **PUEBLA:** "O compromisso evangélico da Igreja... deve ser como o de Cristo: um compromisso com os mais necessitados" (P. 1141).

b) **S. VICENTE:** "Em uma Conferência aos seus Missionários, ele relata, aprovando, a objeção que lhe fizera um herege: "Uma Igreja que não se preocupe com a evangelização **dos mais abandonados**... quereríeis persuadir-me que isto seja conduzido pelo Espírito Santo? Jamais o acreditarei!" (SV XI, 34).

(2) — a) **PUEBLA:** "A Igreja... deve ter os olhos em Cristo, quando se pergunta qual há de ser a sua ação evangelizadora. O Filho de Deus demonstrou a grandeza deste compromisso ao fazer-se homem... identificando-se com os homens... em sua vida e sobretudo na sua paixão e morte, na qual chegou à expressão máxima de pobreza" (1141).

b) **S. VICENTE:** "Jesus Cristo, pobre não só em vida, mas também na sua morte: isto é levar a pobreza ao ponto mais alto a que ela pode subir, a saber, morrer numa cruz" (SV XI, 374).

"Se se perguntasse a N. Senhor: "O que viestes fazer na terra?" Responderia: "Assistir os pobres". "É outra coisa?" — "Assistir os pobres". Ora, ele só tinha Pobres em sua companhia, e se dedicava muito pouco às cidades" (SV XI, 108).

"A coisa principal que fez N. Senhor foi trabalhar para os pobres, e

quando ia a outras pessoas, era só de passagem" (SV XI, 135).

(3) — a) **PUEBLA:** — Cita o Papa João Paulo II, falando aos pobres: "O Papa vos ama, porque sois os prediletos de Deus" (1143).

b) **S. VICENTE:** "Os pobres são os prediletos de Deus" (SV IX, 325).

"Deus ama os pobres e, por conseguinte, ama os que gostam dos pobres, pois quando se ama alguém, tem-se afeição por seus amigos"... "Eles são os prediletos de Deus" (SV XI, 392).

(4) — a) **PUEBLA:** "De Maria que, em seu canto do Magnificat, proclamou que a salvação de Deus tem muito a ver com a justiça para com os Pobres, parte também o compromisso... **com os mais pobres e necessitados**" (P. 1144).

b) **S. VICENTE:** "Vamos, pois, meus Irmãos, e empreguemo-nos com novo ardor em servir os pobres, e procuremos mesmo os **mais pobres e os mais abandonados**... eles são os nossos SENHORES E MESTRES, e nós somos indignos de lhes prestar nossos pequenos serviços" (SV XI, 393).

"É preciso tratar os pobres com doçura e respeito, lembrando-nos que é a N. Senhor que prestais este serviço, pois Ele o considera feito a Si próprio... Deveis considerá-los como vossos MESTRES" (SV X, 680).

(5) — a) **PUEBLA:** "Ao aproximarmos do pobre para acompanhá-lo e

servi-lo, fazemos o que J. Cristo nos ensinou... Por isso o serviço dos Pobres é a medida privilegiada embora não exclusiva, do nosso seguimento a Cristo. O melhor serviço do irmão é a evangelização que o dispõe a realizar-se como filho de Deus, liberta-o das injustiças e o promove integralmente" (P. 1145).

b) **S. VICENTE:** "Evangelizar os Pobres é por excelência o ofício do Filho de Deus, e somos destinados a isso como instrumentos pelos quais o Filho de Deus continua a fazer do céu, aquilo que fazia, quando na terra" (SV XII, 79).

O Apóstolo dos Pobres tinha especial devoção e interesse por São Lucas, o evangelista dos pobres, e o lema de sua Congregação foi tirado, exatamente, de S. Lucas: "Evangelizare pauperibus misit me" (Lc 4,18).

(6) — a) **PUEBLA:** Cita o Vat. II (AA-8): "Cumprir antes de mais nada as exigências da justiça, para não ficar dando como ajuda de caridade aquilo que já se deve em razão da justiça" (P. 1146).

b) **S. VICENTE:** "Não há caridade, se ela não for acompanhada da justiça" (SV II, 54).

"Socorrendo os necessitados, fazemos justiça, e não misericórdia... Eles são nossos irmãos a quem Deus nos manda assistir" (SV VII, 98).

(7) — a) **PUEBLA:** Ainda citando o Vat. II (AA-8): "Suprimir as causas e não só os efeitos dos males, e organizar os auxílios de tal forma que

os assistidos se libertem progressivamente da dependência externa e se bastem a si próprios" (P. 1146).

b) **S. VICENTE:** "Desde que alguém tenha força suficiente para trabalhar, a gente compra para ele algumas ferramentas adequadas à sua profissão, e não se lhe dá mais nada" (SV IV, 183).

"Destinamos umas coisinhas para ajudar alguns pobres a semear um pedacinho de terra. Mas, digo: só os mais pobres, que sem esta ajuda não o pudessem fazer... Aos homens ferramentas para o trabalho, e às mulheres, rocas e fios, ou linha para fiar e tecer" (SV VIII, 72).

(8) — a) **PUEBLA:** Reconhece que a Igreja descobriu, agora, o "potencial evangelizador dos Pobres, enquanto estes a interpelam constantemente, chamando-a à conversão, e porque muitos deles realizam em sua vida os valores evangélicos da solidariedade, serviço, simplicidade e disponibilidade para acolher o dom de Deus" (P. 1147).

b) **S. VICENTE:** "Se há uma verdadeira religião... é entre eles, entre os Pobres que se conserva a religião, uma fé viva... submissão às ordens, paciência na miséria extrema em sofrer tudo, enquanto for do agrado de Deus" (SV XI, 201).

"E o nosso amor? Se é que o temos, com que se parece ele? O que fazemos que nos aproxime desses sinais do verdadeiro amor que têm os Pobres?" (SV XII, 101).

"Eles nos pregam por sua simples presença" (33).

(9) — a) **PUEBLA:** "Para viver e anunciar a pobreza cristã, a Igreja deve rever suas estruturas e a vida de seus membros, sobretudo dos agentes de pastoral, com vistas a uma conversão efetiva" (P. 1157).

b) **S. VICENTE:** "A Igreja está em ruínas, em muitos lugares, por causa da má vida dos padres. São eles que a perdem e arruinam. E está provado que o estado eclesástico é a causa principal da ruína da Igreja de Deus... São os padres; sim, somos nós a causa desta desolação que assola a Igreja, deste deplorável decrescimento que ela sofreu em tantos lugares" (SV XI, 308).

(10) — a) **PUEBLA:** Refere-se aos "traços maternos de Deus" (291).

b) **S. VICENTE:** "Nosso Senhor Jesus Cristo é nosso Pai, nossa Mãe, e nosso tudo" (SV V, 534).

(11) — a) **PUEBLA:** "Opção preferencial pelos pobres, mas não exclusiva" (P. 1165).

b) **S. VICENTE:** Toda a vida apostólica de S. Vicente prova esta tese. Ele, melhor do que ninguém, tinha o sentido do Pobre, de todos os pobres, por eles se entregando de corpo e alma. Mas, compreendia que também os ricos têm uma alma a salvar. Com prazer repetimos a referida citação de Dom Paulo Evaristo Arns: "São Vicente de Paulo teve o privilégio de convidar inúmeros ricos a descobrir nos Pobres o orifí-

cio da agulha que leva o camelo a passar por ele, e entrar no céu".

CONCLUSÃO

Só nos resta reconhecer que, de fato, "Deus é admirável nos seus Santos" (Sl 67,36). Se, por um lado, em sua insondável Providência, permite a existência do mal no mundo, do joio no meio do trigo (Mt 13,25), por outro, sempre suscita bons ceifadores, homens carismáticos capazes de debelar esse mal, e fazer brilhar sua glória. São os Santos. Todos eles sempre atuais em suas épocas, alguns parecendo, às vezes, originais, e até mesmo excêntricos. Mas, com o correr do tempo, com a mutação constante de todos e de tudo, muitos deles caem no ostracismo e perdem sua atualidade. Continuam, talvez, sendo admirados, simplesmente admirados...

Outros, porém, dotados de uma graça ou carisma especial, sem deixarem de ser objeto de admiração, perdem nunca o caráter de serem modelos, e modelos sempre atuais, que podem e devem ser seguidos. São os Santos do hoje, do cotidiano, da vida real. Entre eles, tem destaque proeminente o Apóstolo da Caridade, o sempre atual SÃO VICENTE DE PAULO.

NOTAS

- (1) — Termo empregado, pela primeira vez, pelo Papa João XXIII, na Mensagem Rádiofônica de 11-09-1962, um mês antes do começo do Concílio Vaticano II.

- (2) — Coluccia, G.L. — "Spiritualità vincenziana, spiritualità dell'azione." Roma. M. Spada Editore. 1978. pág. 233.
- (3) — Herrera, J. — V. Prado, CM — "San Vicente de Paul". Zaragoza. BAC. 1955. pág. 669.
- (4) — Tanquerey, Ad. "Compêndio de Teologia Ascética e Mística". Porto. Liv. Apost. Imprensa. 1948. pág. XXXII.
- (5) — Maynard, M. "Virtudes e doutrina espiritual de S. Vicente de Paulo". Paris. Téqui. 1925. pág. 103.
- (6) — Coste, Pierre. "SAINT VINGENT DE PAUL". correspondance, entretiens, documents. Paris. Lecoffre Editeur. 1920. IX, 109. As citações subsequentes serão assim resumidas: "SV"...
- (7) — Nunes, Teresa. In "Semana de Estudos Vicentinos CLAP-VI" Curitiba. 21-31 julho 1981. Gráfica Vicentina. pág. 287.
- (8) — Coluccia, op. cit. pág. 39.
- (9) — Campos, J.I.S. — in "Grande Sinal" Rev. Espirit. — Petrópolis. Vozes. Número especial. Set. 1981. pág. 250-524.
- (10) — Nunes, Teresa. loc. cit. 287.
- (11) — Nunes, Teresa, loc. cit. 283.
- (12) — Campos, loc. cit. pág. 519.
- (13) — Dodin, André. "L'esprit vincetien". Paris. Desclée. 1981. pág. 9.
- (14) — Herrera, op. cit. pág. 297.
- (15) — "Mission et Charité". Révue. Paris. 1970. 212 pp.
- (16) — "Ecos da Companhia das F. da Caridade". 1983. n.º 11. pág. 423.
- (17) — S. Vicente. "Regras Comuns" dos Missionários. Cap. II, n.º 14.
- (18) — S. Vicente. R.C. XII, 12.
- (19) — S. Vicente. R.C., II, 14.
- (20) — S. Vicente. R.C., XII, 5.
- (21) — S. Vicente. R.C., II, 4.
- (22) — S. Vicente. R.C., II, 7.
- (23) — Baeteman, José. "Na Escola de S. Vicente". Petrópolis. Edit. Revista S. Vicente. 1941. pág. 100.
- (24) — S. Vicente. R.C., II, 6.
- (25) — S. Vicente. R.C., X, 15.
- (26) — Maynard, op. cit. pág. 89.
- (27) — Maynard, op. cit. pág. 30.
- (28) — "O S. Paulo" — de 24-30 abr. 1981, pág. 5.
- (29) — In "Semana", pág. 14. 19.
- (30) — In "Grande Sinal", out. 81, pág. 48.
- (31) — In "Grande Sinal", set. 1981, pág. 498.
- (32) — In "Semana", pág. 297.
- (33) — Regras Manuscritas do Hôtel Dieu de Paris. 1718.

Endereço do autor:

Rua Dr. Satamini, 333 (Tijuca).
20.270 — RIO DE JANEIRO — RJ.

ÍNDICE ALFABÉTICO

POR AUTOR

CONVERGÊNCIA, ANO DE 1985

Este índice foi feito seguindo este critério: AUTOR. E abrange apenas o ano de 1985. O primeiro algarismo representa o número da revista. E o segundo, indica a página.

ANGELA, IVANETE E MARIA DAS DORES, Irs. — A Eucaristia na Comunidade da Casa de Formação das Irmãs Servas da Caridade (Depoimentos)	182/241
ANTONCICH, R., SJ — Mensagem do Papa para todos os Religiosos	181/143
AUGUSTA, Ir. (PELA EQUIPE DA PARÓQUIA DE SÃO JOÃO BATISTA, PIMENTEIRAS — PI) — Eucaristia = força na caminhada (Depoimento)	182/242
AZZI, Riolando — D. Caetano Brandão, um franciscano tridentino à frente da Diocese do Pará (1783-1789)	187/563
BAGGIO, Fr. Hugo D., O.F.M — Celebração Eucarística na Comunidade Religiosa: sentido e exigências	181/165
BARCHIFONTAINE, Pe. Christian de Paul de, MI — Paixão — Morte — Ressurreição (Informe da CRB)	181/137
— Seminário Nacional de Saúde. 18 a 24 de novembro de 1984. — Mendes — RJ. (Informe da CRB)	181/138
BINGEMER, Maria Clara Lucchetti — O Espírito Santo na espiritualidade cristã (Fonte de Vida e Discernimento)	182/221
BOFF, Ir. Maria Lina, SMR — Um perfil de mulher: Elisa Andreolli (Informe da CRB)	187/538
BONFLEUR, Ir. Arno, FSC — A vivência eucarística nas etapas iniciais da Formação à Vida Religiosa	184/351
BORAN, Pe. Jorge., CSSp — Juventude: fogo de palha ou esperança de um mundo novo?	179/50
BRUNELLI, Delir, PIDP — Equipe de Reflexão Teológica (ERT). (Informe da CRB)	184/329
CALIMAN, Pe. C., SDB — Em busca de um novo marco para a formação à Vida Religiosa	180/122
CARVALHO, Ir. Maria de Lourdes Sá Pereira — Assembléia das Superiores Gerais de Congregações Brasileiras (Informe da CRB)	186/451
CAVICHI, Ir. Therezinha, PGap e HENRIQUE JUSTO, Ir., FSC — CERNE — XXVIII (Informe da CRB)	186/452

CIACCIO, Pe. Virgílio, ssp — A vivência das Bem-aventuranças como caminho da espiritualidade	181/154
CLAR — “Caminho de comunhão — Inserção ou Encarnação da Vida Religiosa na América Latina”	185/443
— IX Assembléia Geral da CLAR: 13/23 de abril de 1985 (Informe da CRB)	180/72
— Aos Presidentes das Conferências Nacionais (Informe da CRB)	180/71
CNBB — Carta aos Agentes de Pastoral e às Comunidades (Informe da CRB)	184/325
CODINA, Victor — A vida segundo o Espírito	187/542
CRB — Encontro da Diretoria e Secretários Executivos da CRB Nacional com os Presidentes e Secretários Executivos das Regionais (Informe da CRB)	181/134
— Primeiro Mosteiro Cartuxo no Terceiro Mundo (Informe da CRB)	180/70
CRB — CSMIRMA E USMIRFA — Correspondência entre a Presidência Nacional da CRB e a Presidência das Uniões dos Superiores Maiores de Institutos Religiosos de Angola (Informe da CRB)	183/262
CRB / CURITIBA — EQUIPE DE REFLEXÃO — Nova geração e Vida Religiosa (Informe da CRB)	183/265
CUENOT, Michel — Contemplação em ação	183/315
CUNHA, Pe. Rogério Ignácio de Almeida, SDB — O compromisso do religioso na Igreja Particular da América Latina a partir da opção pelos empobrecidos	183/291
— Missão evangelizadora da Vida Religiosa na Igreja Particular da América Latina	182/207
— O pobre na espiritualidade da libertação	188/605
CUSTÓDIO FILHO, Pe. Spencer, SJ — Lei e espírito no Novo Código de Direito Canônico	180/107
ELLACURIA, Ignácio — A espiritualidade cristã	184/378
EQUIPE DE COORDENAÇÃO DE RELIGIOSAS INSERIDAS EM MEIOS POPULARES	
— Irmãs pés na estrada (Informe da CRB)	185/387
EQUIPE DE REFLEXÃO DA CRB — SP — A Evangelização junto ao menor a partir do ser religioso (Informe da CRB)	187/527
ESCRAVAS DO DIVINO CORAÇÃO — A Congregação das Escravas do Divino Coração celebra o centenário de sua Fundação (Informe da CRB)	187/536
ETGES, Ir. Inácio N., DULLIUS, Ir. Paulo e EQUIPE DE REFLEXÃO TEOLÓGICA DA CRB REGIONAL RS — Identidade da Vida Religiosa: Reflexão Teológica	188/586
FASSINI, Pe. Ático, MS — Centenário de falecimento: Pe. Sylvain-Marie Giraud, MS (Informe da CRB)	184/338
— Grupo de reflexão para a formação (GRF) da CRB Nacional (Informe da CRB)	180/68
— I.º Encontro das Diretorias de Conferência de Religiosos do Cone Sul (Informe da CRB)	186/452

— SEMINÁRIO NACIONAL PARA FORMADORES (Informe da CRB)	188/579
FERRARO, Benedito — O lugar do sofrimento na espiritualidade cristã	180/97
FRAGOSO FILHO, Fr. José, OC — A conversão na caminhada espiritual do cristão e do religioso	180/87
GARDENAL, Pe. João M., SJ — Importância da oração nos nossos encontros	183/319
GIBIN, Maucyr, sss — Viver a espiritualidade eucarística na América Latina — Hoje	184/341
GIONGO, Ir. Maria do Carmo — 3.º Encontro Nacional das Irmãs de São José no Brasil (Informe da CRB)	183/270
GOLLARTE, Fr. Paulo, O. Carm. — Um místico de mangas arregaçadas: Frei Tito Brandsma	187/521
GONÇALVES, Pe. Marcos Evangelista, CM — A atualidade da Espiritualidade Vicentina	188/623
GUERRE, Pe. René — Nossa vida comunitária (Reflexão)	182/247
GUIMARÃES, Fr. Almir Ribeiro, OFM — O que se entende por espiritualidade?	179/3
HAMER, Cardeal Jerôme, OP — Carta do Cardeal Jerôme Hamer OP, Prefeito da Congregação para os Religiosos e Institutos Seculares (Informe da CRB)	186/455
— Discurso aos participantes da IX Assembléia Geral da CLAR.	185/437
HENRIQUE JUSTO, Ir., FSC — CERNE em foco (Informe da CRB)	187/518
IRMÃ ESCOLARES DE NOSSA SENHORA — Irmãs escolares de Nossa Senhora celebram 150 anos de existência e 50 de Brasil (Informe da CRB)	181/140
IRMÃS SALESIANAS — A Eucaristia nas Comunidades inseridas em meios populares: celebração, sentido e exigências (Depoimentos)	182/237
JOÃO PAULO II — A grandeza do Sacerdócio e da Vida Religiosa — Maria é modelo para a nossa fé	181/131
— O vosso testemunho de amor é fermento de renovação salvífica	184/323
LEERS, Fr. Bernardino, OFM — Espiritualidade e profetismo no contexto atual da América Latina	183/259
LEONARD, Pe. Patrick J., CSSp — Cem anos de presença Espiritana no Brasil (Informe da CRB)	179/36
— Os dez anos do CETESP (Informe da CRB)	188/584
LIBÂNIO, Pe. João Batista, SJ — Discernimento Vocacional: A experiência fundante	184/333
LISBÔA, Pe. Paulo, SJ — Como a Família Inaciana interpreta e vive hoje o espírito de St.º Inácio	182/195
LOBO, Ir. Anísia de Souza — Centenário da chegada das Irmãs Dominicanas no Brasil (Informe da CRB)	183/304
MARIA CLARA, Ir., OSC — Programa para formadoras contemplativas — Pro-Foco II — I.ª Etapa (Informe da CRB)	186/69
MARIA HELENA DE S. JOSÉ, Ir. — Programa para Formadoras Contemplativas (PRO-FOCO) II.ª Etapa (Informe da CRB)	180/69
	184/336

Continua da terceira capa

Prezado Assinante:

Rio de Janeiro, RJ
dezembro de 1985

Como Você já sabe, desde outubro de 1985, está pronta e circulando a quarta edição do livro **OS RELIGIOSOS, VOCAÇÃO E MISSÃO. Um Enfoque Exigente e Atual**, de autoria do Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ. O(a) Senhor(a) já conhece o livro pelas três edições anteriores. Esta quarta edição, porém, foi ampliada pelo Autor em 42,85% se comparada com a terceira edição.

OS RELIGIOSOS, VOCAÇÃO E MISSÃO. Um Enfoque Exigente e Atual, alcançou enorme sucesso nas traduções para o italiano, o francês e o espanhol. Dentro de pouco será lido, também, em inglês e polonês. A quarta edição, em português, está muito bem apresentada e enriquecida. Veja, aqui, a **ficha técnica** do livro:

Autor — Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ
Editora — Publicações CRB
Edição — Quarta edição
Número de páginas — 220 páginas
Formato — 13 cm x 21 cm
PREÇO de lançamento — Cr\$ 30.000

OS RELIGIOSOS, VOCAÇÃO E MISSÃO. Um Enfoque Exigente e Atual, é uma substancial Teologia da Vida Religiosa, estruturada de modo sistêmico e, sobretudo, vital. Um completo abecedário existencial de cada Religioso(a).

TEOLOGIA é a busca e o esforço para compreender com os meios da razão humana tudo o que é possível compreender daquilo que DEUS diz de Si mesmo, da pessoa humana, da criação inteira. TEOLOGIA é a ciência de Deus no seu ser e no seu agir. É a iluminação da pessoa com a luz da Palavra de Deus. Este entendimento é, aqui, referendado à VIDA RELIGIOSA como manifestação permanente do Espírito na Igreja de Deus. **Teologia da Vida Religiosa** é, portanto, a ciência de Deus sondando questões singelas mas de extrema relevância para o destino de quem abraçou esta modalidade de viver, a vida cristã.

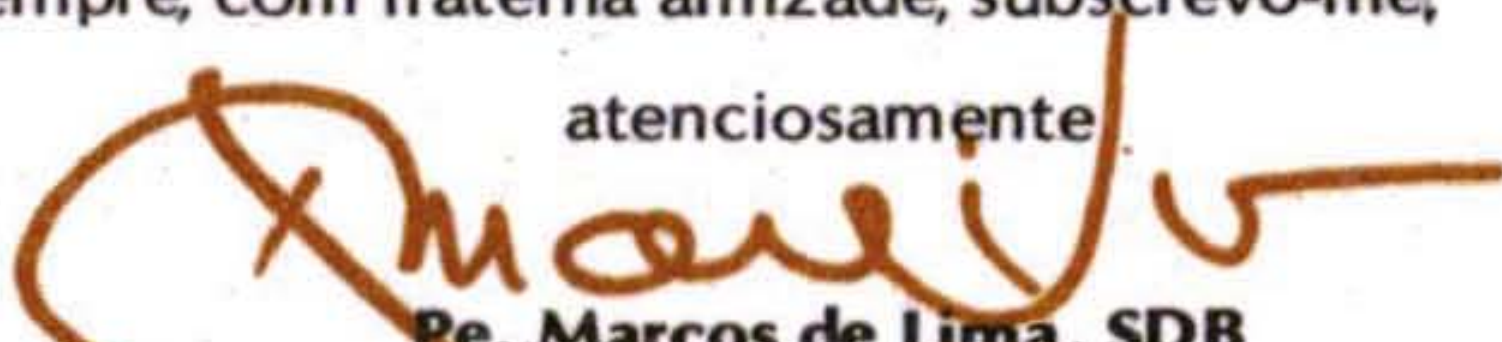
OS RELIGIOSOS, VOCAÇÃO E MISSÃO.

Um Enfoque Exigente e Atual.

Um presente que faz Natal a vida inteira.

Sempre ao seu inteiro dispor, desejando-lhe toda paz e todo bem, hoje, amanhã, neste NATAL e sempre, com fraterna amizade, subscrevo-me,

atenciosamente



Pe. Marcos de Lima, SDB
Convergência e Publicações CRB